

Kahlil Gibran



Edição dupla

O PROFETA

seguido de

O JARDIM DO PROFETA

EDITORA
Claridade

O PROFETA

O JARDIM DO PROFETA

KAHLIL GIBRAN

EDIÇÃO DUPLA

O PROFETA

SEGUIDO DE

O JARDIM DO PROFETA

TRADUÇÃO DE
ÂNGELO CUNHA DE ANDRADE

EDITORA
Claridade

Título original: *The Prophet e The Garden of the Prophet*
© *Copyright*, 2004, Editora Claridade

Todos os direitos reservados.
Editora Claridade Ltda.
Rua Engº Sampaio Coelho, 111
CEP 04261-080 São Paulo - SP
Fone/fax: (11) 2215-6252
E-mail: claridade@claridade.com.br
Site: www.claridade.com.br

Preparação de originais: Rubens Nascimento
Revisão: Heloisa Hernandez do Nascimento
Capa: Antonio Kehl
Editoração eletrônica: GAPP design

Dados para Catalogação

Gibran, Kahlil (1883-1931)

O profeta e O Jardim do Profeta / Tradução de Ângelo Cunha de Andrade, Editora Claridade, São Paulo, 2003

ISBN 85-88386-25-9

1. Literatura árabe I. Autor II. Títulos das obras

CDD140

SUMÁRIO

O PROFETA

SOBRE O AMOR

SOBRE O CASAMENTO

SOBRE OS FILHOS

SOBRE A GENEROSIDADE

SOBRE O COMER E BEBER

SOBRE O TRABALHO

SOBRE A ALEGRIA E A TRISTEZA

SOBRE AS CASAS

SOBRE AS ROUPAS

SOBRE A COMPRA E VENDA

SOBRE CRIME E CASTIGO

SOBRE A LIBERDADE

SOBRE A RAZÃO E A PAIXÃO

SOBRE A DOR

SOBRE O AUTOCONHECIMENTO

SOBRE O ENSINO

SOBRE A AMIZADE

SOBRE A CONVERSA

SOBRE O TEMPO

SOBRE O BEM E O MAL

SOBRE A PRECE

SOBRE O PRAZER

SOBRE A BELEZA

SOBRE A RELIGIÃO

SOBRE A MORTE

DEIXANDO ORFÃO E SE

O JARDIM DO PROFETA
RETORNO A ORPHALESE
O ENCONTRO COM O POVO
A VIDA E AS TRISTEZAS
A QUARENTENA E OS DISCÍPULOS
OS LUGARES E OS VALORES
A VOZ DO CORAÇÃO
NÓS E O FLUXO DA NATUREZA
A AUSÊNCIA E AS DISTÂNCIAS
O DIA E A NOITE
SOBRE A FEIURA
SOBRE O PASSAR DO TEMPO
SOBRE OS PARASITAS
SOBRE A SOLIDÃO
A NATUREZA VIVA
SOBRE DEUS
SOBRE DESNUDAR-SE
SOBRE COMO TRANSMITIR A MENSAGEM DO MESTRE
SOBRE O SER
A DÚVIDA E O ABANDONO
A DOR DA ABUNDÂNCIA
A PARTIDA E AS ÚLTIMAS PALAVRAS

☞ O PROFETA

Almustafá, o escolhido e por todos amado, que era o alvorecer em seu próprio dia, aguardava na cidade de Orphalese, já há doze anos, o regresso do navio que o conduziria de volta à ilha onde havia nascido.

E, no ano décimo segundo, ao sétimo dia de ailul, o mês da colheita, ele subiu o monte situado fora dos limites murados da cidade e olhou para o mar; foi quando percebeu que seu navio chegava em meio à névoa.

Então, as portas de seu coração abriram-se largamente, e sua alegria voou longe sobre o mar. E, fechando os olhos, fez uma prece no silêncio de sua alma.

Porém, ao descer o monte, foi invadido pela tristeza, e indagou em seu coração:

“Como poderei ir-me em paz e sem pesar? Não, não conseguiria deixar esta cidade sem um ferimento na alma.”

Intermináveis foram os dias de tristeza que passei dentro de suas muralhas, e intermináveis as noites de solidão; e quem pode despedir-se sem amargura de sua própria dor e solidão?

Foram muitas as centelhas de minha alma que espalhei por suas ruas, e muitos são os filhos de minha ansiedade que caminham, nus, entre estas colinas, e não posso me separar deles sem me sentir desgostoso e triste.

Não é uma simples roupa que dispo hoje, mas a própria pele que arranco com minhas mãos.

Tampouco um pensamento que deixo atrás de mim, mas um coração enternecido pela fome e pela sede.

E, não obstante, não posso me demorar por mais tempo.

O mar, que atrai a si todas as coisas, está me chamando, e devo embarcar.

Porque continuar aqui, enquanto as horas queimam noite adentro, seria congelar-me e cristalizar-me num molde.

Com prazer levaria comigo tudo o que tenho aqui. Mas como fazê-lo?

A voz não leva consigo a língua e os lábios que lhe deram asas. É sozinha que deve procurar o éter.

É igualmente só e sem ninho que a águia voará em direção ao sol.”

Quando chegou ao pé da colina, virou-se novamente para o mar e viu seu navio aproximando-se do porto. E na proa, avistou os marinheiros, os homens de sua terra natal.

E sua alma gritou-lhes dizendo:

“Filhos de minha velha mãe, desafiadores das ondas furiosas,

Quantas vezes navegaram nos meus sonhos. E agora chegam em meu despertar, que é meu sonho mais profundo.

Estou preparado para partir, e minha impaciência, de velas abertas, espera pelo vento.

Sentirei apenas mais uma lufada densa deste ar, olharei mais uma vez para trás.

E logo depois estarei com vocês, marujo entre marujos.

E você, enorme mar, mãe sempre desperta,

Única paz e liberdade para o rio e o riacho, uma só volta fará ainda esta corrente, um só murmúrio soará nesta clareira,

Em seguida, unir-me-ei a vocês, gota ilimitada num oceano infinito.”

E enquanto caminhava, percebeu homens e mulheres deixarem suas hortas e vinhedos e dirigirem-se apressadamente em direção às portas da cidade.

E escutou suas vozes clamando seu nome, e anunciarem de campo a campo, um para o outro, a chegada do navio.

E disse consigo mesmo:

“Será, porventura, o dia da despedida também o dia do encontro?

E meu anoitecer será, quem sabe, meu alvorecer?

E o que ofertarei àquele que abandonou seu arado no meio sulco da terra, e àquele que estancou a roda de seu lugar?

Meu coração transformar-se-á numa árvore carregada de abundantes frutos que lhes darei?

E fluirão meus desejos como uma fonte onde lhes poderão encher suas taças?

Porventura serei uma harpa, para que melodicamente toque em mim a mão do Onipotente, ou uma flauta, para que Seu sopro me atravesse?

Alguém em busca de silêncios? E que tesouros tenho descoberto nos meus silêncios que possa ofertar com segurança?

Se este é o dia de minha colheita, em que campo plantei a semente, e em que estação esquecida?

Se esta é, de fato, a hora de levantar minha lanterna, não é minha a chama que nela brilhará.

Vazia e apagada erguerei minha lâmpada.

E o guardião da noite a munirá de óleo e igualmente a acenderá.”

Ele exteriorizou esses sentimentos em palavras. Porém, muitos outros guardou em seu coração. Porque nem ele podia revelar seu segredo mais profundo.

E quando entrou na cidade, o povo inteiro veio recebê-lo, e todos clamaram seu nome de maneira uníssona.

E os anciãos da cidade aproximaram-se e disseram:

“Não nos deixes ainda.

Porque você tem sido a luz em nosso crepúsculo, e sua juventude nos tem possibilitado sonhos para sonhar.

Você não é um estranho ou um hóspede entre nós, mas nosso filho bem-

amado.

Não deixe ainda nosso olhar a sofrer a fome de sua face.”

E os sacerdotes e as sacerdotisas lhe disseram:

“Não permita que as ondas do mar nos separem agora, e os anos que passou entre nós se transformem em mera lembrança.

Caminhou entre nós como um espírito, e sua presença tem sido uma luz que ilumina nossos rostos.

Muito o amamos. Mas silencioso foi nosso amor, e sob véus ficou encoberto.

Contudo, nesse momento, ele deseja, altissonante, revelar-se-lhe.

Assim tem sido sempre com o amor, que só conhece a própria profundidade na hora da separação.”

E outros, igualmente, vieram e imploraram-lhe. Mas dele igualmente não conseguiram resposta. Tão somente abaixou apenas a cabeça, e os mais próximos puderam ver as lágrimas caírem sobre seu peito.

E então caminhou com o povo, em direção à grande praça em frente ao templo.

E uma mulher chamada Almitra, uma vidente, saiu do santuário.

E ele a olhou com enorme ternura, pois fora ela a primeira a procurá-lo e a acreditar nele no dia em que chegava à cidade.

E ela o cumprimentou, dizendo:

“Profeta de Deus em procura do sublime, há tempos vem sondando as distâncias à procura de seu navio.

E agora que seu navio chegou, deve partir.

Profunda é a saudade da pátria de suas recordações, morada de seus maiores desejos; e nosso amor não o quer aprisionado, nem nossas necessidades devem lhe reter.

Pedimo-lhe, porém, que não nos deixe antes de dizer algumas palavras, permitindo-nos conhecer um pouco da verdade.

Então nós a transmitiremos a nossos filhos, e eles a transmitirão aos seus

filhos, e essa verdade não perecerá.

Em solidão velou por nossos dias e, em vigília, escutou os gemidos e os risos de nosso sono.

Agora, desvele-nos a nós próprios, e conte-nos o que lhe foi revelado acerca do que existe entre o nascimento e a morte.”

E ele respondeu:

“Povo de Orphalese, de que poderia lhes falar a não ser do que está agora se agitando dentro dessas almas?”

SOBRE O AMOR

Então, Almitra disse: “Fale-nos do Amor”.

E ele ergueu a cabeça e olhou para a multidão, e o silêncio reinou entre todos. E, então, com a voz forte, falou:

“Quando o amor lhes chamar, sigam-no,

Ainda que seus caminhos sejam rústicos e íngremes;

E quando ele lhes envolver com suas asas, não resistam.

Ainda que a espada oculta em sua plumagem possa lhes ferir;

E quando ele, o amor lhes falar, deem crédito a ele,

Ainda que sua voz possa despedaçar-lhes sonhos como o vento nordeste devasta o jardim.

Porque, da mesma forma que o amor os coroa, igualmente os crucifica. E da mesma forma como contribui para seu florescimento, também realiza a poda.

E da mesma maneira que ele sobe aos seus galhos mais altos e acaricia seus ramos mais tenros que se balançam ao sol,

Também desce até suas raízes e as agita em seu apego à terra.

Como feixes de trigo, ele os abriga em seu íntimo.

Ele lhes debulha para deixá-los nus.

Peneira-os para libertá-los das palhas.

E os mói até a máxima brancura.

Amassa-os até que fiquem maleáveis.

Então, ele os conduz ao fogo sagrado, para que possam se transformar no pão místico do banquete divino.

Todas essas coisas o amor fará em vocês para que conheçam os segredos de seus próprios corações e, com esse conhecimento, transformem-nos no pão consagrado do banquete divino.

Porém, caso seu temor os façam procurar somente a paz do amor e o gozo do amor,

Então seria melhor que cobrissem sua nudez e abandonassem a eira do amor,

Caminhem rumo ao mundo anódino onde rirão, mas não todos os risos, e também irão chorar, mas não todas as suas lágrimas.

O amor nada dá senão de si próprio e nada retorna senão de si mesmo.

O amor nada possui e não se deixa possuir.

Porque o amor basta a si mesmo.

Quando amarem, não digam: 'Deus está em meu coração', mas sim: 'Eu estou no coração de Deus'.

E não imaginem que possam dirigir as passadas do amor, pois o amor, se os considerar dignos, determinará ele próprio o seu caminho.

O amor não tem outro propósito, a não ser o de atingir sua plenitude.

Mas caso amem e precisem ter desejos, sejam estes os seus desejos:

Desmanchar-se no amor e ser como um riacho que canta sua melodia para a noite;

Conhecerem a dor da enorme ternura;

Ferir-se pela própria compreensão do amor;

E deixar-se sangrar de bom grado e alegremente;
Acordar na aurora com o coração exultante e agradecer por um outro dia de amor;
Descansar ao meio-dia e meditar sobre o êxtase do amor;
Voltar para casa à noite com gratidão;
E adormecer com uma prece no coração para o bem-amado, e nos lábios uma canção de louvor.”

SOBRE O CASAMENTO

Então Almitra indagou novamente: “E que nos diz do Casamento, mestre?”

E ele respondeu, dizendo:

“Vocês nasceram juntos, e juntos permanecerão para todo o sempre.

Juntos ficarão quando as brancas asas da morte determinarem o fim de seus dias.

Sim, juntos permanecerão até mesmo na memória silenciosa de Deus.

Mas que haja espaços na união de vocês.

E que os ventos do céu dancem em meio à sua relação.

Amem um ao outro, mas não façam do amor um grilhão:

Seja novidade. O vaivém do mar banhando praias de suas almas.

Enchem a taça um do outro, mas não bebam na mesma taça.

Partilhem o pão um ao outro, mas não comam do mesmo pedaço.

Cantem e dancem juntos, e sejam alegres; mas permitam cada um de vocês o direito à solidão,

Assim como as cordas do alaúde são separadas, não obstante, vibrem na mesma melodia.

Doem seus corações, mas não os confiem à guarda um do outro.

Porque apenas as mãos da Vida podem conter seus corações.
E fiquem juntos, mas não colados;
Porque os pilares do templo devem ficar afastados,
E o carvalho e o cipreste não crescem à sombra um do outro.”

SOBRE OS FILHOS

E uma mulher, que carregava seu filho no colo, disse: “Fale-nos dos Filhos”.
E ele disse: “Seus filhos não são seus filhos. São filhos e filhas do anseio da Vida por si mesma. Vêm através de vocês, mas não de vocês. E embora vivam com vocês, não lhes pertencem.

Podem lhe dar o seu amor, mas não seus pensamentos,
Porque eles têm seus próprios pensamentos.
Podem abrigar seus corpos, mas não suas almas;
Pois suas almas moram na mansão do amanhã, que vocês não podem visitar nem mesmo em sonho.

Vocês podem se esforçar por ser como eles, mas não busquem fazê-los como vocês;

Porque a vida não volta para trás nem se demora nos dias passados.

Vocês são os arcos dos quais seus filhos são arremessados como flechas vivas.

O Arqueiro mira o alvo na trilha do infinito e estica o arco com toda Sua força para que Suas flechas se projetem, rápidas e na distância.

Que depositem confiança na mão do Arqueiro com alegria:

Pois assim Como Ele ama a flecha que voa, também ama o arco que fica.”

SOBRE A GENEROSIDADE

Então um homem aproximou-se e disse: “Fale-nos da Generosidade”.

E ele respondeu:

“Pouco fazem os que dão as próprias posses.

É quando dão de si próprios, que doam realmente.

Pois, o que são suas posses, a não ser coisas que retêm por medo de precisar delas amanhã?

E que porventura trará o amanhã ao cão muito prudente que enterra ossos nas areias movediças, enquanto segue os peregrinos rumo à cidade sagrada?

E o que é o medo da necessidade, senão a própria necessidade?

Não é seu medo da sede, frente a um poço cheio, o resultado da sede insaciável?

Há os que dão pouco do muito que têm, e fazem-no para serem reconhecidos,

Porém seu desejo secreto desvaloriza sua doação.

E há os que pouco têm, mas doam completamente.

Esses confiam na vida e na generosidade da vida, e seus cofres nunca se esvaziam.

E há os que doam com alegria, e essa alegria é a recompensa deles.

E há os que doam com sacrifícios, e esse sacrifício é seu batismo.

E há os que dão sem sentir pena nem buscar alegria e sem pensar na virtude:

Doam como, no vale, o mirto espalha seu perfume no espaço.

É pelas mãos dessas pessoas que Deus fala; e através de seus olhos que Seu sorriso ilumina o mundo.

É correto dar quando solicitado; mas melhor é fazê-lo de espontânea vontade por ter compreendido;

E para os generosos, buscar quem receberá é uma alegria maior ainda que a ação de dar.

E porventura existe algo que poderiam conservar?

Tudo o que possuem será um dia distribuído.

Deem agora, portanto, para que o tempo da doação seja de vocês, não dos herdeiros.

Vocês muitas vezes falam: ‘Eu daria, mas apenas a quem merece’.

Porém as árvores de seus pomares não falam assim, nem os rebanhos que pastam em seus campos.

Dão para continuar a viver, pois reter é perecer.

E quem é digno de receber os dias e as noites, certamente é digno de receber tudo o mais de vocês.

E quem mereceu beber do oceano da vida, merece também encher sua taça no pequeno riacho de vocês.

E que merecimento maior haverá do que aquele que reside na coragem e na confiança, mais ainda, na caridade de receber?

E quem são vocês para que os homens devam expor seu íntimo e revelar-lhes o orgulho, de modo a que possam ver seu mérito despido e seu orgulho rebaixado?

Conquistem, primeiramente, o mérito de serem doadores e instrumentos da dádiva.

Porque, na verdade, é a vida que dá à vida – enquanto vocês, que se julgam doadores, são apenas testemunhas.

E vocês que recebem – e todos recebem – não assumam nenhum encargo de gratidão, para não colocar um jugo sobre vocês próprios e seus benfeitores.

O melhor é que se ergam, juntos com eles, sobre asas feitas de suas dádivas;

Porque se ficarem muito preocupados com suas dívidas, estarão duvidando da generosidade daquele que tem a terra pródiga por mãe e Deus por pai.”

SOBRE O COMER E BEBER

Então, um velho estalajadeiro disse: “Fale-nos do Comer e Beber”.

E ele respondeu:

“Seria bom se pudéssemos viver do perfume da terra e, como uma planta, alimentarmo-nos da luz.

Mas, já que precisam matar para comer ou roubar do recém-nascido o leite de sua mãe para saciar a sede, que façam-no então com o sentimento de adoração.

E que sua mesa seja um altar onde os puros e os inocentes da floresta e dos campos são sacrificados em benefício do que é ainda mais puro e mais inocente no homem.

Quando matarem um animal, digam-lhe em seu coração:

‘Pelo mesmo poder que o abato, eu também serei imolado, eu também, para outros, servirei de alimento;

Porque a lei que o entregou em minhas mãos irá me submeter a mãos mais poderosas.

Seu sangue e meu sangue são apenas a seiva que alimenta a árvore do céu.’

E ao morderem uma maçã, digam em seu coração:

‘Suas sementes viverão no meu corpo,

E os brotos de seu amanhã florescerão no meu coração,

E sua fragrância será meu hálito,

E, juntos, vamos nos regozijar em todas as estações.’

E no outono, quando colherem a uva dos vinhedos para a prensa do lagar, digam em seu coração:

‘Eu também sou um vinhedo, e meus frutos serão recolhidos no lagar,

E, como um vinho novo, serei guardado em vasos eternos.’

E no inverno, quando forem abrir os tonéis para apreciar o vinho, que haja no seu coração um cântico para cada taça;

E que em cada cântico um pensamento germine para os dias do outono, para

o vinhedo e para o lagar.”

SOBRE O TRABALHO

Vieio então um lavrador e disse: “Fale-nos do Trabalho”.

E ele respondeu, dizendo:

“Vocês trabalham para acompanhar o ritmo da terra, e da alma da terra.

Porque o ocioso se torna um estranho às estações e afasta-se do cortejo da vida, que marcha com majestade e orgulhosa submissão rumo ao infinito.

Quando trabalham, vocês são uma flauta através da qual o murmúrio das horas se transforma em música.

Quem de vocês preferiria ser um caniço mudo e surdo quando todo o universo canta em uníssono?

Sempre disseram a vocês que o trabalho é uma maldição; o labor, um infortúnio.

Mas eu lhes digo que, ao trabalhar, cumprem a parte do sonho mais antigo da terra, realizando uma missão que lhes foi designada quando esse próprio sonho nasceu.

E, dedicando-se ao trabalho, estão na verdade amando a vida. E quem ama a vida através do trabalho, partilha do segredo mais íntimo de vida.

Mas, se vocês na amargura considerarem o nascimento uma aflição e a necessidade de suportar a carne, uma maldição gravada sobre a fronte, então eu lhes direi que só o suor de seu rosto apagará essa marca.

Também lhes disseram que a vida é escuridão; e em seu cansaço, apenas repete o que os cansados lhe disseram.

E eu lhes digo que a vida é de fato escuridão, exceto quando há um impulso.

E todo impulso é cego, exceto quando há conhecimento.

E todo conhecimento é vão, exceto quando há trabalho.

E todo trabalho é anódino, exceto quando há amor.

E quando vocês trabalham com amor, unem-se a si próprios e uns aos outros, e a Deus.

E que é trabalhar com amor?

É tecer o manto com fios tirados de seu próprio coração, como se o próprio bem-amado fosse vestir esse manto.

É erguer uma casa com afeição, como se o próprio bem-amado fosse morar ali.

É espalhar as sementes com ternura e fazer a colheita com alegria, como se o próprio bem-amado fosse alimentar-se dos frutos.

É insuflar em todas as coisas que trazem o sopro de sua alma,

E saber que todos os abençoados mortos estão ao seu redor e os observam.

Muitas vezes os ouvi dizer como se estivessem falando em sonho: 'Aquele que trabalha no mármore e encontra na pedra a forma da própria alma, é mais nobre do que aquele que lavra a terra;

E aquele que agarra o arco-íris e o registra na tela de tecido em formas humanas, é superior àquele que fabrica sandálias para nossos pés.'

Mas, eu lhes digo, não no sono, mas na plena consciência do meio-dia, que o vento não fala mais docemente aos carvalhos gigantes do que à menor das folhas da relva;

E é somente grande aquele que transforma a voz do vento numa canção tornada mais delicada pelo seu próprio amor.

O trabalho é o amor em forma visível.

E se vocês não puderem trabalhar com amor, mas apenas com desprazer, melhor seria que abandonassem seu trabalho e se sentassem à porta do templo para pedir esmolas àqueles que trabalham com alegria,

Pois se assarem o pão com indiferença, produzirão um pão amargo, que

sacia somente a metade da fome do homem.

E se esmagarem a uva com má vontade, ela contaminará o vinho como um veneno.

E mesmo que cantem como anjos, mas não amem o canto, estão apenas fechando os ouvidos dos homens às vozes do dia o às vozes da noite.”

SOBRE A ALEGRIA E A TRISTEZA

Então, uma mulher disse: “Fale-nos da Alegria e da Tristeza”.

E ele respondeu:

“A alegria é a tristeza desmascarada.

E do mesmo poço em que muitas vezes transborda seu riso esteve muitas vezes cheio de lágrimas.

E como poderia ser de outro modo?

Quanto mais fundo a tristeza invade seu ser, mais alegria ele pode conter.

Não é a taça que contém o vinho a mesma que foi queimada no forno do oleiro?

E não é o alaúde que abrandava a alma a própria madeira que foi entalhada à faca?

Quando estiverem alegres, mirem o próprio coração, e descobrirão que aquilo que lhes provocou tristeza agora lhes dá alegria.

E quando estiverem tristes, mirem o próprio coração e perceberão que aquilo por que agora choram já constituiu seu prazer.

Alguns de vocês dizem: ‘A alegria é maior que a tristeza’, e outros replicam: ‘Não, a tristeza é maior’.

Eu lhes digo, porém, que elas são inseparáveis.

Caminham sempre juntas; e quando uma está sentada com vocês à mesa, lembrem-se de que a outra dorme em sua cama.

Na verdade, vocês estarão suspensos como os pratos de uma balança, entre a tristeza e a alegria.

É apenas quando estão vazios que estão equilibrados.

Quando o guardião do tesouro o suspende para pesar seu ouro e a sua prata, é então inevitável que sua alegria ou a sua tristeza suba ou desça.”

SOBRE AS CASAS

Então, um pedreiro aproximou-se e disse: “Fale-nos das casas”.

E ele respondeu, dizendo:

“Construam em seus sonhos um abrigo no deserto, antes de erguerem uma casa dentro da cidade.

Pois da mesma forma como que voltam para casa no crepúsculo, também assim o faz o viajante que habita dentro de vocês, sempre distante e solitário.

Sua casa é seu corpo mais amplo.

Cresce ao sol e dorme no silêncio da noite, e também sonha. Ou sua casa não sonha? E sonhando não escapa da cidade em busca dos campos?

Pudesse eu recolher suas casas na minha mão e, como um semeador, dispersá-las nas florestas e nos prados!

Que fossem os vales suas ruas e os caminhos verdejantes suas vielas, para que vocês pudessem buscar uns aos outros por meio de vinhedos e voltar com a fragrância da terra em suas roupas.

Mas o tempo dessas coisas ainda não chegou.

Foi por temor que seus antepassados se juntaram muito perto uns dos outros. E esse medo deve permanecer ainda algum tempo. E durante esse tempo, as muralhas de suas cidades irão separar suas casas dos campos.

E digam-me, povo de Orphalese, o que têm nessas habitações? E o que

guardam atrás dessas portas trancadas?

Porventura tem a paz esse impulso tranquilo que revela seu poder?

Têm as recordações esses arcos cintilantes que emanam às alturas do espírito?

Tem a beleza que conduz o coração dos objetos feitos com madeira e pedra para a montanha sagrada?

Digam-me, eu lhes peço, possuem tudo isto em suas casas?

Ou têm apenas o conforto, e a ansiedade pelo conforto, esse desejo que entra, penetra furtivamente em casa como visita, depois se torna hóspede, e em seguida senhorio?

Sim, e torna-se igualmente domador e, com laço e açoite, transforma em fantoches seus desejos mais significativos.

Não obstante suas mãos sejam de seda, seu coração é de ferro.

Nina-os até que durmam, só para rondar seu leito zombando da dignidade de seu corpo.

Escarnece também de seus sentidos sadios e deita-os na penugem macia, tal como um vasilhame de cristal frágil.

Na verdade, a ansiedade pelo conforto assassina a paixão mais fina de suas almas e, depois, acompanha, dissimulada, o seu enterro.

Mas vocês, filhos do espaço, inquietos no repouso, não cairão em armadilhas nem serão domesticados.

Suas casa não será uma âncora, mas um mastro.

Não será uma bandagem reluzente que recobre a ferida, mas a pálpebra que protege o olho.

Não dobrarão as asas para passar pelas portas, nem abaixarão a cabeça para não bater nos tetos, nem segurarão a respiração por medo que as paredes racham e caiam.

Não viverão em tumbas feitas pelos mortos para os vivos.

E mesmo magnífica e esplendida, sua casa não reterá seu segredo nem

abrigará seu anseio.

Porque aquilo que é ilimitado em vocês habita a mansão do céu, cuja porta é a névoa do alvorecer e as janelas cânticos e silêncios da noite.”

SOBRE AS ROUPAS

Um tecelão disse: “Fale-nos das Roupas”.

E ele respondeu:

“Suas roupas ocultam muito de sua beleza, mas não escondem o que não é belo.

Não obstante procurem nos trajes o conforto da intimidade, podem encontrar neles couraças e grilhões.

Ah se pudessem acolher diretamente em sua pele o sol, e o vento, em vez de ser no anteparo das roupas;

Porque o sopro da vida está em meio à luz do sol e a mão da vida voa no vento.

Alguns de vocês dizem: ‘Foi o vento do norte quem teceu os trajes que vestimos’.

Mas eu lhes digo: sim, foi o vento do norte.

Mas seu tear foi a desonra; e seu fio, o esmaecimento da força.

E quando terminou seu trabalho, gargalhou na floresta.

Não esqueçam que o pudor é um escudo contra o olhar do impuro.

Mas quando não houver mais o impuro, porventura não será a decência algemas e nódoas na alma?

E não esqueçam que a terra exulta ao sentir seus pés desnudos e que os ventos anseiam por brincar com seus cabelos.”

SOBRE A COMPRA E VENDA

Um comerciante disse: “Fale-nos de Compra e Venda.”

E ele respondeu:

“A terra oferece seus frutos a vocês, e não haverá escassez se souberem como encher as mãos.

É na troca das dádivas da terra que encontrarão a abundância e ficarão saciados.

Não obstante, a não ser que a troca se faça no amor e na justiça, ela conduzirá uns ao exagero e outros à fome.

Quando vocês, que trabalham no mar, nos campos ou nos vinhedos, encontrarem no mercado os tecelões, os oleiros e os colhedores de especiarias,

Invoquem o espírito senhor da terra para que desça sobre vocês e santifique as balanças e os cálculos que comparam valor com valor.

E não permitam que aqueles de mãos estéreis participem de suas transações, pois eles venderiam palavras em troca de seu trabalho.

A esses homens deverão falar:

‘Venham com a gente aos nossos campos ou com nossos irmãos para o mar e joguem suas redes:

Porque a terra e o mar lhes serão generosos. Do mesmo modo como são para nós.’

Mas quando vierem os cantores e os bailarinos e os flautistas, comprem o que eles têm para oferecer.

Porque eles também colhem frutos e incensos, e aquilo que ofertam, embora feito de sonhos, são vestes e alimentos para suas almas.

E antes de deixar o mercado, garantam que ninguém retorne para casa de mãos vazias.

Porque o espírito senhor da terra não descansará em paz sobre o vento enquanto as necessidades dos mais humildes entre vocês não forem satisfeitas.”

SOBRE CRIME E CASTIGO

Então um dos juizes da cidade aproximou-se e disse: Fale-nos do Crime e do Castigo”.

E ele respondeu, dizendo:

“É quando seu espírito vaga pelo vento,

Que vocês, sozinhos e imprudentes, cometem delitos contra os outros e, portanto, contra si próprios.

E para pagar pelo mal cometido, devem bater às portas dos abençoados e esperar algum tempo no silêncio sem resposta.

Seu eu divino é como o oceano:

Permanece sempre imaculado. E, como o éter, ele sustenta somente quem tem asas.

Seu eu divino é também como o sol.

Pois não conhece o caminho das tocas e evita o covil das serpentes.

Mas seu eu divino não habita sozinho o íntimo do seu ser.

Em vocês, muito é ainda do homem, e muito não é ainda do homem,

Mas apenas de um gnomo disforme que vaga sonâmbulo nas névoas, à procura de seu próprio despertar.

É do homem em vocês que quero falar agora.

Pois é ele, e não o seu eu divino ou o gnomo vagando nas névoas, quem conhece o crime e o castigo do crime.

Frequentemente os tenho ouvido falar de alguém que havia cometido uma ação má como se não fosse um de vocês, mas um estrangeiro e um intruso em seu mundo.

Mas eu lhes digo que da mesma forma que o santo e o justo não podem elevar-se acima do que há de mais elevado em vocês,

Também o perverso e o fraco não podem descer abaixo do que há de mais rasteiro em vocês.

E assim como nenhuma folha amarelece sem o silencioso consentimento da árvore inteira,

Também o malfeitor não pode agir erroneamente sem o secreto consentimento de todos vocês.

Tal como numa procissão, vocês andam juntos, em direção ao eu divino.

Pois são, num só tempo, o caminho e o caminhante.

E quando um de vocês cai, cai pelos que o seguem, alertando-os contra a pedra no caminho.

Sim, e ele cai pelos que caminham adiante dele, que, embora tenham o pé mais ligeiro e mais seguro, não removeram a traiçoeira pedra.

E ouçam também o seguinte, embora essas palavras possam pesar e perturbar seus corações:

O assassinado é também culpado por seu próprio assassinato.

Quem é roubado não é isento de culpa por ter sido roubado.

E o justo não é inocente das ações do mau. E mesmo quem tem as mãos limpas carrega nódoas das ações do criminoso.

Sim, o culpado é, muitas vezes, a vítima do ofendido.

E frequentemente ainda, o condenado carrega o fardo para o inocente e o imaculado.

Vocês não podem separar o justo do injusto e o bom do iníquo;

Porque ambos caminham juntos diante da face do sol, exatamente como os fios branco e negro são trançados juntos.

E quando o fio negro se romper, o tecelão verifica todo o tecido e examina também o tear.

Se alguém entre vocês colocar em julgamento a mulher infiel,

Que também pese na balança o coração do marido, e perscrute sua alma com atenção.

E aquele que deseja açoitar o agressor, examine a alma da vítima.

E se algum de vocês pretende punir em nome da retidão e cravar o machado

na árvore do mal, que preste atenção também às raízes da árvore;

E, com certeza, encontrará as raízes do bem e do mal, do fecundo e do estéril, entrelaçadas no coração silencioso da terra.

E vocês, juízes que pretendem ser justos,

Que punição dariam àquele que, não obstante honesto na carne, é ladrão no espírito?

De que forma puniriam aquele que assassina a carne, mas também mata a si próprio, no espírito?

E como processar aquele que age com impostura e opressão,

Mas é também atingido e ultrajado?

E como puniriam aqueles cujos arrependimentos já são maiores que seus crimes?

Porventura não é o arrependimento uma justiça empregada por esta mesma lei que vocês desejam servir?

Contudo, não podem impor o arrependimento ao inocente, nem tirá-lo do coração do culpado.

Desbragadamente, este sentimento gritará na noite para que os homens despertem e se autoavaliem.

E vocês que desejam compreender a justiça, como a compreenderão sem examinar todas as ações na plenitude da luz?

Apenas então irão saber que o ereto e o decaído são um mesmo homem, a rondar no crepúsculo entre a noite de seu eu anão e o dia de seu eu divino,

E que a pedra angular do templo não é superior à pedra mais banal de suas fundações.”

Então um advogado o interpelou: “Que diz de nossas Leis, mestre?”

E ele respondeu:

“Vocês se deleitam em estabelecer leis,

Mas se deleitam ainda mais em descumpri-las,

Tal como crianças brincando na praia, constroem, pacientemente, castelos de

areia para, logo em seguida, destruí-los entre risadas.

Mas enquanto erguem seus castelos de areia, o mar traz mais areia à praia,
E quando vocês as destroem, o oceano ri com vocês.
Na verdade, o oceano sempre sorri com os inocentes.

Mas que dizer daqueles para quem a vida não é uma praia, nem as leis baixadas pelo homem, torres de areia,

Para quem a vida é uma pedra, e a lei, um cinzel com o qual a esculpem à sua própria semelhança?

Que dizer do aleijado que odeia os bailarinos?

E do boi que gosta de seu jugo e considera os cervos selvagens seres perdidos e vagabundos?

E da velha serpente que não pode mais largar a pele e qualifica todas as outras de desnudas e desavergonhadas?

E daquele que chega cedo à festa de casamento e, após ter-se saciado e esgotado, vai embora dizendo que todo banquete é um abuso da lei, e os convidados, ultrajantes?

Que posso dizer desses todos, a não ser que eles permanecem igualmente sol, mas de costas para o sol?

Porque veem apenas suas próprias sombras, e estas sombras são suas leis.

E que o sol é para eles apenas uma fonte de sombras?

E, para eles, o que é reconhecer as leis senão resignar-se e acompanhar essas sombras sobre a terra?

Mas vocês que caminham mirando o sol, que imagens desenhadas sobre a terra os podem reter?

Vocês que viajam com o vento, que cata-vento orientar-lhes-á seu curso?

Que lei humana poderá lhes atar quando romperem o próprio jugo, não obstante sem quebrar a porta que aprisiona o humano?

Que leis temerão se dançarem sem tropeçar em nenhuma corrente de ferro feita pelo homem?

E quem os poderá levar em julgamento se rasgarem suas roupas, sem deixá-

las no caminho de outrem?

Povo de Orphalese, podem abafar o tambor e desafinar as cordas da lira, mas quem poderá proibir à cotovia de cantar?”

SOBRE A LIBERDADE

Um orador disse: “Fale-nos da Liberdade”.

E ele respondeu:

“Às portas da cidade e em seus lares, eu os vi ajoelhar-se e adorar sua própria liberdade,

Como escravos que se humilham frente um tirano e glorificam-no, não obstante ele os aniquile.

Sim, na rua arborizada do templo e à sombra da cidadela, tenho visto os mais livres entre vocês carregar sua liberdade como jugo e prisão.

E no meu íntimo meu coração sangrou; pois só poderão conquistar a liberdade quando até mesmo o desejo de procurar a liberdade se tornar um jugo para vocês, e quando pararem de falar da liberdade como uma meta ou uma finalidade.

Serão livres, de verdade, não quando seus dias transcorrerem sem preocupação e suas noites sem carências nem aflição,

Mas quando essas coisas, embora sufocando sua vida, não os impeçam de conseguir livrar-se delas, desnudos e desimpedidos.

E como poderão se situar acima de seus dias e de suas noites se não romperem os grilhões com que, no entardecer de sua compreensão, prenderam o sol do meio-dia?

Na verdade, o que chamam de liberdade é o mais poderoso desses grilhões, embora seus anéis cintilem ao sol e os fascinem.

E que ela é senão fragmentos de vocês próprios, fragmentos que gostariam

de descartar para se tornar livres?

Se é uma lei injusta que pretendem abolir, lembrem-se de que essa lei foi escrita por suas próprias mãos e em sua própria casa.

Não vão destruí-la queimando seus códigos nem lavando os rostos de seus juízes, mesmo que usem toda a água do oceano.

Se for um déspota que querem desalojar do poder, certifiquem-se primeiro se não há um tirano sentado num trono dentro de vocês.

Porque, como pode um tirano dominar os livres e os altivos, se não houver tirania na sua própria liberdade e vergonha em seu próprio orgulho?

E se é um cuidado que desejam rejeitar, percebam que essa preocupação foi bem mais escolhida por vocês do que imposta.

E se é um temor que precisam desfazer, o centro desse temor está em seu coração, e não na mão do temido.

Na verdade, todas as coisas se movem dentro de vocês em contínuo abraço, as repugnantes e aquelas que os atraem, aquelas das quais fogem e aquelas que desejam encontrar.

Essas coisas se movem dentro de vocês como luzes e sombras em pares muito unidos.

E quando a sombra desvanece e morre, a luz que permanece transforma-se na sombra de uma outra luz.

E, assim, quando sua liberdade perde seus grilhões, torna-se ela também um grilhão para uma liberdade maior.”

SOBRE A RAZÃO E A PAIXÃO

Ea sacerdotisa interveio novamente, dizendo: “Fale-nos da Razão e da Paixão”.

E ele respondeu:

“Sua alma é frequentemente um campo de batalha no qual a razão e o juízo travam batalha contra a paixão e o apetite.

Quem me dera ser o pacificador de sua alma, e poder transformar a discórdia e a rivalidade de seus elementos sem unidade e harmonia.

Mas como poderei fazê-lo, a menos que vocês próprios sejam também pacificadores, e, sobretudo, amantes de todos seus elementos?

Sua razão e sua paixão constituem o leme e as velas de sua alma navegante.

Caso suas velas ou seu leme se rompam, restará apenas ficar à deriva ou permanecer parados no meio do mar.

Porque a razão, governando sozinha, limita toda força; e a paixão, caso somente ela predomine, é um fogo que arde até sua própria destruição.

Portanto, que sua alma eleve a razão à altura da paixão, de modo que ela possa cantar;

E que dirija a paixão junto com a razão, para que ela possa viver numa ressurreição cotidiana e, como a Fênix, renascer das próprias cinzas.

Agradariam-me se tratassem seu juízo e seu apetite como dois amados hóspedes em sua casa.

Com certeza não honrariam a um hóspede mais do que ao outro; pois aquele que é mais gentil com um dos dois, perde o amor e a confiança de ambos.

Nas montanhas, quando sentarem à sombra fresca dos álamos brancos, partilhando da paz e da serenidade dos campos e dos prados distantes, então que seu coração diga em silêncio: ‘Deus repousa na Razão’.

E quando vier a tempestade, e o vento violento agitar a floresta, e o trovão e o relâmpago proclamarem a majestade do céu, então que seu coração diga com temor e respeito: ‘Deus age na Paixão’.

E já que vocês são um sopro na esfera de divina e uma folha na floresta de Deus, deverão também descansar na razão e agir na paixão.”

SOBRE A DOR

Então uma mulher aproximou-se e disse: “Fale-nos da Dor”.

E ele falou:

“A dor é o rompimento da casca que aprisiona sua capacidade de compreensão.

“Da mesma forma como o caroço da fruta deve quebrar-se para que a castanha apareça, assim também vocês devem conhecer a dor.

Caso pudesse manter sempre no deslumbramento do milagre cotidiano da existência, sua dor não apareceria a vocês menos maravilhosa que sua alegria;

E aceitariam igualmente as estações de seu coração, assim como sempre aceitaram a mudança de estações em seus campos.

E contemplariam com severidade os invernos de sua aflição.

Grande parte de seu sofrimento é escolha de vocês próprios.

É o amargo remédio com o qual o médico que está dentro de vocês cura seu eu doente.

Confiem no médico, e bebam seu remédio em silêncio e tranquilidade:

Porque a mão dele, embora pesada e dura, é guiada pela suave mão do Invisível,

E a taça que ele lhes oferece, não obstante queime seus lábios, foi feita com a argila que o Oleiro umedeceu com Suas lágrimas sagradas.”

SOBRE O AUTOCONHECIMENTO

Um homem, então, solicitou: “Fale-nos do autoconhecimento”.

E ele respondeu, dizendo:

“Seus corações conhecem em silêncio os segredos dos dias e das noites,

Mas seus ouvidos anseiam por ouvir o que guardam seus corações.

Porque vocês desejam conhecer em palavras aquilo que sempre souberam em pensamento.

Querem tocar com os dedos o corpo nu de seus sonhos.

E é bom esse desejo.

A fonte secreta de sua alma precisa brotar e correr, sussurrando, para o mar;

E o tesouro de suas profundezas infinitas precisa revelar-se a seus olhos.

Mas não usem balança para pesar seu tesouro desconhecido;

E não averigúem as profundidades de seu conhecimento com vara ou sonda.

Porque o eu é um mar sem limites e imensurável.

Não digam: ‘Encontrei a verdade’. Digam! de preferência: ‘Encontrei uma verdade’.

Não digam: ‘Encontrei o caminho da alma’. Melhor dizer: ‘Encontrei a alma trilhando meu caminho’.

Porque a alma trilha todos os caminhos.

A alma não caminha numa linha reta nem cresce como um junco.

A alma desabrocha, tal como lótus de inúmeras pétalas.”

SOBRE O ENSINO

Então, um professor disse: “Fale-nos do Ensino”.

E ele falou:

“Nenhum homem poderá revelar-lhes nada a não ser o que já está meio adormecido no alvorecer do seu conhecimento.”

O mestre que caminha à sombra do templo, entre seus discípulos, não partilha de sua sabedoria, mas sim de sua fé e de seu amor.

Se ele for verdadeiramente sábio, não lhes mandará que entrem na mansão de sua sabedoria, mas antes os conduzirá ao limiar de sua própria mente.

O astrônomo poderá lhes falar como ele compreende o espaço, mas não poderá lhes dar sua compreensão.

O músico poderá cantar para vocês a melodia que existe em todo o universo, mas não poderá lhes dar o ouvido que capta o ritmo, tampouco a voz que a ecoa.

E o versado na ciência dos números poderá lhes falar do mundo dos pesos e das medidas, mas não poderá levá-los até lá,

Pois a visão de um homem não empresta asas a outro homem.

E assim como cada um de vocês se mantém sozinhos no conhecimento de Deus, também cada um de vocês deve ter sua própria compreensão de Deus e seu próprio juízo das coisas de terra.”

SOBRE A AMIZADE

E um jovem pediu: “Fale-nos de Amizade”.

E ele respondeu, dizendo:

“Seu amigo é a satisfação de suas necessidades.

Ele é o campo onde semeiam com carinho e ceifam com gratidão.

E constituem sua mesa e sua lareira,

Pois o buscam para saciar a fome e o procuram em busca da paz.

Quando seu amigo manifesta um ponto de vista, não temam o ‘não’ em sua própria cabeça, nem aprisionem o ‘sim’.

E quando ele se cala, o coração dele continua escutando seu coração.

Porque na amizade, todos os desejos, todas as expectativas, nascem e são partilhadas, numa alegria silenciosa.

Quando se separarem de um amigo, não se angustiem,

Pois o que vocês amam nele pode tornar-se mais claro na sua ausência, tal como o alpinista olhando da planície, avista a montanha mais claramente.

E que não haja outro objetivo na amizade senão o crescimento do espírito.

Porque o amor que procura outra coisa que não seja a revelação de seu próprio mistério não é amor de verdade, mas uma rede armada, que lançada, pesca apenas o imprestável.

E que o melhor seja para seu amigo. Ele tem de conhecer tanto sua maré alta quanto a baixa.

Porque o que valeria um amigo caso o procurassem somente para matar o tempo?

Procurem-no sempre com horas para viver.

Porque o papel do amigo é o de satisfazer suas necessidades, e não preencher o vazio.

E na doçura de amizade, que tenha risos e o partilhar dos prazeres.

Pois é no orvalho de pequenas coisas que o coração encontra sua manhã e se sente refrescado.”

SOBRE A CONVERSA

Então um homem culto disse: “Fale-nos da Conversa”.

E ele respondeu:

“Vocês conversam quando deixam de estar em paz com seus pensamentos.

E quando não podem mais viver na solidão de seu coração, vivem então em seus lábios, e encontram uma diversão e um passatempo no som das suas vozes.

E em grande parte de suas conversas, parte do pensamento é assassinado.

Pois o pensamento é ave do espaço que, numa gaiola de palavras, consegue abrir suas asas, mas não pode voar.

Há entre vocês aqueles que procuram os tagarelas, por temer a solidão.

O silêncio da solidão lhes revela seu eu desnudo, e então optam por escapar.

E há aqueles que falam e, sem sabedoria ou reflexão, descortinam uma verdade que eles próprios não compreendem.

E há também aqueles que possuem a verdade dentro de si, mas não a dizem em palavras.

É no interior de tais pessoas que o espírito habita num silêncio rítmico.

Quando encontrarem um amigo na rua ou no mercado público, deixem que o espírito coloque em movimento seus lábios e guie sua língua,

Que a voz escondida em sua voz fale ao âmago do ouvido amigo,

Pois a alma do amigo guardará a verdade do coração de vocês, da mesma forma como o sabor do vinho fica em nossa boca,

Mesmo depois que sua cor tenha sido esquecida, e a taça nem mais exista.”

SOBRE O TEMPO

E um astrônomo disse: “Mestre, que dizer do Tempo?”

E ele respondeu:

“Vocês querem medir o tempo, o infinito e o incomensurável.

Querem ajustar seus comportamentos e até dirigir o curso de suas almas conforme as horas e as estações.

Pretendem transformar o tempo num rio, em cuja margem sentariam para observar as águas correrem.

Mas o que é incomensurável em vocês sabe que a vida também o é.

E sabe que ontem é apenas a recordação de hoje, e o amanhã, o sonho de agora.

E aquilo que canta e medita em vocês continua a habitar dentro daquele primeiro momento em que as estrelas se espalharem no espaço.

Quem, dentre vocês, não sente que seu poder de amar é infinito?

Não obstante, quem não sente esse amor, embora infinito, limitado dentro do seu próprio ser, e, movendo-se de um pensamento amoroso a outro, o de um ato amoroso a outro?

E não é o tempo, exatamente como o amor, indivisível e ilimitado?

Mas, se em seus pensamentos necessitam dividir o tempo em estações, que cada estação compreenda todas as outras estações,

E que o presente envolva o passado com recordações, e o futuro com anseios doces.”

SOBRE O BEM E O MAL

E um dos idosos da cidade pediu: “Fale-nos do Bem e do Mal”.

E ele respondeu:

“Posso falar do bem que está em vocês, mas não do mal.

Pois o que é o mal a não ser o próprio bem torturado por sua fome e sede?

O fato é que, quando está faminto, o bem procura alimento até nos antros escuros, e quando está sedento, chega a saciar-se até em águas estagnadas.

Vocês são bons quando unidos a si próprios. Mas não são maus quando não são unidos.

Pois uma casa dividida não se torna uma pocilga de ladrões; é, apenas, uma casa dividida.

E um navio sem leme pode vagar à deriva entre recifes perigosos, e não naufragar.

São bons quando se esforçam para dar de si próprios.

Mas não são maus quando buscam apenas o lucro egoísta.

Porque, quando só querem ganhar, são simplesmente raízes que se agarram à terra e sugam seu seio.

E, por certo, a fruta não pode dizer à raiz: ‘seja como eu, madura e plena, e sempre generosa em abundância’.

Porque a fruta dá por necessidade, assim como a raiz recebe por necessidade,
Vocês são bons quando falam plenamente despertos,

Mas não são maus quando adormecem enquanto suas línguas tagarelam sem propósito,

E mesmo um discurso gaguejante pode fortalecer uma língua fraca.

Vocês são bons quando caminham rumo a um objetivo, firmemente e com confiança.

Porém, não são maus quando mancam,

Pois, mesmo aqueles que mancam não andam para trás,

Mas vocês que são fortes e velozes, cuidado para não mancar apenas por complacência em relação aos que são coxos.

Vocês são bons de variadas maneiras, e não são maus quando não são bons.

Estão apenas indolentes.

Pena que os cervos não possam ensinar as tartarugas a correr!

Em seu desejo pelo eu gigante situa-se sua bondade; e esse desejo está em todos.

Porém, em alguns, esse desejo é uma torrente que ruma intrepidamente para o oceano, carregando os segredos dos morros e as canções de floresta.

Em outros, é um córrego pequenino que se perde em curvas, em trechos inertes, arrastando-se até atingir o mar,

Mas o que muito deseja não deve dizer àquele que pouco deseja: ‘Por que você é lento e atrasado?’

Porque o verdadeiramente bom não pergunta ao nu: ‘Onde estão suas roupas?’, nem ao desabrigado: ‘Que aconteceu com a sua casa?’”

SOBRE A PRECE

Então, uma sacerdotisa disse: “Fale-nos da Prece”.

E ele respondeu, dizendo:

“Vocês oram nos momentos de aflições e necessidades; mas deveriam rezar também na plenitude de sua alegria e nos dias de abundância.

Porque a prece não é tão somente a expansão de seu ser para o éter vivificante?

E se proporciona conforto exalar suas trevas no espaço, maior conforto sentiriam se deixassem jorrar a aurora de seu coração.

E se não podem segurar suas lágrimas quando suas almas os chamam para orar, elas deveriam lhes cravar esporas repetidamente, mesmo chorando, até que atendessem a seu chamado com alegria.

Quando oram, elevam-se até encontrarem, nas alturas, aqueles que estão orando à mesma hora, e que, não fosse pela oração, talvez nunca encontrassem.

Assim, que sua visita a esse templo invisível não tenha nenhum outro objetivo a não ser o êxtase e a doce comunhão.

Pois se entrarem no templo unicamente para pedir, nada receberão.

E se entrarem nele para se humilhar, ninguém os erguerá.

E mesmo se forem para implorar favores para outros, não serão atendidos.

É suficiente que entrem no templo invisível.

Não posso lhes ensinar a orar com palavras.

Deus não escuta suas palavras, a não ser quando Ele próprio as pronuncia pelos lábios de vocês.

E não posso ensinar-lhes a oração dos oceanos e das florestas e das montanhas.

Mas vocês que nasceram das montanhas, das florestas e dos mares, podem encontrar a oração em seus próprios âmagos.

E se apenas escutarem no silêncio da noite, irão ouvi-la num sussurro:

Deus nosso, que és nosso Eu sublime, é Sua vontade que em nós se move.

É Seu desejo em nós que deseje.

É Seu ímpeto em nós que pode transformar nossas noites, que Lhe pertencem, em dias que também são Seus.

Não podemos Lhe pedir nada, pois conhece nossas necessidades antes mesmo que elas nasçam em nós.

Sendo nossa necessidade, e dando-nos mais de Si, nos dá tudo.”

SOBRE O PRAZER

Aproximou-se, em seguida, um ermitão que visitava a cidade uma vez por ano, e disse: “Fale-nos do Prazer”.

E ele respondeu, dizendo:

“O prazer é uma canção de liberdade, Mas não é a liberdade. É o desabrochar dos desejos, mas não seus frutos. É um abismo mirando para o cume,

Porém, não é nem o abismo nem o cume. É o pássaro cativo ganhando asas, mas não o espaço em seu entorno. Sim, na verdade, o prazer é uma canção de liberdade.

Quem me dera poder ouvir cantá-los com o vigor de seus corações; porém, não gostaria que perdessem seus corações no canto.

Alguns dos jovens presentes buscam o prazer como se fosse tudo na vida, e são condenados e repreendidos.

Eu preferiria nem condená-los nem repreendê-los, mas permitir suas buscas, Pois encontrarão o prazer, mas não só ele.

Sete são suas irmãs, e a última dentre elas é mais bela que o prazer.

Por acaso, não ouviram falar do homem que escavava a terra à procura de raízes e descobriu um tesouro?

E alguns dos velhos aqui presentes recordam seus prazeres com remorso, como se fossem erros cometidos num estado de embriaguez.

Mas o remorso é o esmorecimento do espírito, e não o seu castigo.

Deveriam, na verdade, relembrar seus prazeres com gratidão, se fosse a lembrança de uma colheita de verão.

Mas se o remorso lhes servir de consolo, que assim seja.

E há entre vocês aqueles que não são jovens para procurar, nem velhos para recordar;

E por medo de procurar e recordar, evitam todos os prazeres, temendo descuidar do espírito ou vilipendiá-lo,

Contudo, até nesta renúncia encontram o prazer.

E, assim, eles também acham um tesouro, não obstante escavem com mãos trêmulas à procura de raízes.

Mas, digam-me, quem é que pode ofender o espírito?

Porventura o rouxinol no silêncio da noite, ou o vaga-lume, as estrelas?

Ou poderá sua chama ou fumaça barrar o vento?

Acreditam que o espírito é um poço tranquilo que podem agitar com um simples bastão?

Frequentemente, ao negar a vocês mesmos um prazer, nada mais fazem do que represar esse desejo no íntimo de seu ser.

E quem sabe se o que parece esquecido hoje não emergirá amanhã?

Mesmo seu corpo conhece sua herança e seus direitos, não há como enganá-lo.

E o corpo é a harpa de sua alma;

Cabe a vocês tirar dela música melodiosa ou ruídos dissonantes.

E agora vocês perguntam no recôndito de seu coração: ‘Como distinguir o que é bom no prazer e o que é mau?’

Percorram campos e jardins e, lá, aprenderão que o prazer da abelha é sugar o mel da flor,

E o prazer da flor é entregar o mel à abelha.

Porque, para a abelha, uma flor é uma fonte de vida.

E para a flor, uma abelha é uma mensageira de amor.

E para as duas, abelha e flor, dar e receber o prazer é uma necessidade e um

êxtase.

Imitem, portanto, povo de Orphalese, em seus prazeres, as flores e as abelhas.”

SOBRE A BELEZA

E um poeta disse: “Fale-nos da Beleza”.

E ele respondeu:

“Onde procurarão a beleza e como poderão encontrá-la, a não ser que ela mesma seja o caminho e o guia de vocês?”

E como poderão falar dela senão através das palavras que ela mesma tecer?

Os aflitos e os magoados dizem: ‘A beleza é amável e doce.

Como uma jovem mãe, meio tímida em sua glória, ela caminha entre nós’.

Os apaixonados dizem: ‘Não, a beleza é poderosa e temível.

Como a tempestade, agita a terra em nossos pés e o céu acima’.

Os cansados e os agastados dizem: ‘A beleza é feita de murmúrios suaves e fala em nosso espírito.

Sua voz cede aos nossos silêncios como uma luz frágil que treme de medo da sombra’.

Mas os inquietos dizem: ‘Nós a ouvimos gritar entre as montanhas,

E seus gritos vinham com o alarido de cavalos, o bater de asas e o rugir de leões’.

‘À noite, os sentinelas da cidade dizem: A beleza despontará do leste, com a aurora’.

E, ao meio-dia, os trabalhadores e os transeuntes dizem: ‘Nós a vemos inclinada sobre a terra, das janelas do poente’.

No inverno, os que ficaram retidos pela neve dizem: ‘Ela virá com a

primavera, saltando por sobre as colinas’.

E no calor do verão, os ceifeiros dizem: ‘Nós a vimos dançar com as folhas do outono, e havia flocos de neve em seus cabelos.

Todas essas coisas vocês disseram da beleza’.

Porém, na verdade, não falaram dela, mas de seus próprios desejos insatisfeitos.

E a beleza não é desejo, mas êxtase.

Não é uma boca sedenta nem uma mão vazia que se estende, suplicando,

Mas, sim, um coração ardente e uma alma maravilhada.

Não é a imagem que desejam ver nem a canção que desejam ouvir,

Mas a imagem que contemplam com os olhos fechados, e a canção que ouvem mesmo com os ouvidos fechados.

Não é a seiva por baixo da casca enrugada nem a asa presa a uma garra,

Mas um jardim sempre em flor e uma multidão de anjos em voo.

Povo de Orphalese, a beleza é a vida quando a vida revela seu rosto sagrado.

Mas vocês são a vida e o véu.

A beleza é a eternidade olhando a si mesma num espelho.

Mas vocês são a eternidade e seu próprio espelho.”

SOBRE A RELIGIÃO

Eum velho sacerdote disse: “Fale-nos da Religião”.

E ele disse:

“Porventura tenho eu falado de outra coisa hoje?

Não é a religião todas as nossas ações e reflexões?

E também o que não é ação nem reflexão, mas assombro e surpresa sempre brotando na alma, mesmo quando as mãos esculpem a pedra ou manejam o tear?

Quem pode separar sua fé de suas ações, ou sua crença de seus afazeres?

Quem pode espalhar suas horas perante si, dizendo: ‘Esta é para Deus, e essa é para mim; esta é para minha alma, e essa é para meu corpo?’

Todas suas horas são asas que esvoaçam através do espaço, passando de um eu a outro eu.

Aquele que exhibe a moralidade apenas como um de seus melhores trajes, melhor faria se estivesse nu.

O vento e o sol não abrirão buracos em sua pele.

E aquele que determina sua postura pela moral, aprisiona seu pássaro cantor numa gaiola.

A mais livre canção não vem de barras e cercados.

E aquele para quem a adoração é uma janela que se pode abrir, mas também fechar, não visitou ainda a morada da própria alma, cujas janelas permanecem abertas de alvorecer a alvorecer.

Seu dia a dia é seu templo e sua religião.

Sempre que penetrar nela, levem com vocês tudo com que contam.

Levem o arado, a forja, o taco e a lira,

As coisas que produziram por necessidade ou por prazer.

Porque em sonhos não podem elevar-se acima de suas realizações nem cair abaixo de seus fracassos.

E levem também todos os homens.

Porque em adoração, não podem voar acima das esperanças nem degradar-se no desespero.

E se desejam conhecer a Deus, preocupem-se em decifrar enigmas.

Olhem, porém, à sua volta; poderão ver Deus brincando com seus filhos.

E com os olhos voltados para o espaço, vejam-No caminhando nas nuvens, estendendo Seus braços no relâmpago e descendo na chuva,

E O verão sorrindo nas flores e acenando com as mãos entre as árvores.”

SOBRE A MORTE

Foi quando Almitra interveio novamente: “Gostaríamos que nos falasse a respeito da Morte”.

E ele disse:

“Desejam conhecer o segredo da morte,

Mas como podem descobri-lo se não o procuram no coração da vida?

A coruja, cujos olhos, adequados para a noite, são cegos na luz do dia, não pode revelar o mistério da claridade.

Caso queira realmente avistar o espírito da morte, abram largamente seu coração ao corpo da vida.

Porque vida e morte são uma só coisa, assim como rio e mar são uma só coisa.

Nas profundezas de suas esperanças e desejos repousa seu silencioso conhecimento do além;

E como sementes sonhando sob a neve, do mesmo modo seu coração sonha com a primavera.

Assim, confiem nos sonhos, pois neles se encontram as portas da eternidade.

Seu medo da morte é similar ao temor do camponês diante do rei, que na verdade está estendendo-lhe a mão em sinal de consideração.

Porventura o camponês não se alegra, apesar do seu medo, por receber o cumprimento do rei?

E, entretanto, não está ele mais atento ao próprio temor do que à distinção recebida?

Pois o que é morrer senão expor-se, nu, aos ventos e diluir-se no sol?

E que é deixar de respirar senão libertar o movimento de suas marés agitadas, para que se eleve e se expanda, buscando a Deus?

É apenas depois de beber do rio do silêncio que poderão realmente cantar.

É apenas quando alcançarem o cume da montanha é que começarão a subir.

E quando a terra reclamar seus membros é que poderão, de fato, dançar.”

DEIXANDO ORPHALESE

Mas a noite já avançava.

E Almitra, a vidente, disse: “Bendito seja este dia e este lugar, e o espírito que nos falou”.

E ele respondeu: “Fui eu, verdadeiramente, quem falou? Não seria eu também um ouvinte?”

Foi quando ele desceu os degraus do Templo, e toda a multidão o seguiu. E ao chegar ao navio, subiu ao convés.

E virando-se novamente para a multidão, ergueu a voz e disse:

“Povo de Orphalese, o vento obriga-me a seguir viagem.

A despeito de não estar tão apressado quanto o vento, devo ir.

Nós, peregrinos, que estamos sempre em busca da trilha mais erma, nunca iniciamos um dia onde terminamos o dia anterior; a alvorada jamais nos surpreende onde o poente nos deixou.

Mesmo quando a terra repousa, nós viajamos.

Somos as sementes de uma planta vigorosa, e é quando amadurecemos e atingimos a nossa plenitude de coração, que somos lançados ao ar e nos espalhamos.

Curtos foram meus dias entre vocês, e mais curtas ainda as palavras que pronunciei.

Mas quando minha voz se dissipar em seus ouvidos, e meu amor desaparecer de sua memória, então voltarei novamente.

E com um coração mais profícuo e lábios mais obedientes ao espírito, tornarei a lhes falar.

Sim, voltarei com a maré.

E não obstante a morte me oculte, e o grande silêncio me envolva, procurarei novamente sua compreensão.

E não buscarei em vão.

Se algo do que lhes disse for verdade, essa verdade lhes será revelada com voz mais clara e em palavras mais compreensíveis ao seu entendimento.

Parto com o vento, povo de Orphalse, mas não sigo para o porto do nada;

E se este dia não foi a realização de seus desejos e de meu amor, que seja ao menos como a promessa de um encontro futuro.

As necessidades do homem transformam-se, mas não seu amor nem seu desejo de que o amor satisfaça suas necessidades.

Saibam, portanto, que voltarei do silêncio supremo.

A neblina, que se dissipa na aurora, deixando apenas orvalho nos campos, sobe e condensa-se em nuvem e volta à terra como chuva.

E não fui diferente da neblina.

Na calma da noite, caminhei em suas ruas, o meu espírito invadiu suas casas.

Pulsou em meu coração as batidas de seus corações, o hálito de vocês bafejava em meu rosto, e eu os conheci a todos.

Sim, conheci suas alegrias e suas dores; também seus sonhos povoavam os meus.

E repetidas vezes fui entre vocês como um lago no meio das montanhas.

E minhas águas refletiam os cumes de seu ser, e as subidas inclinadas e os rebanhos errantes de seus pensamentos e desejos.

E ao meu silêncio vinham, como torrentes, os risos das crianças e, como rios, os anseios de seus jovens,

E mesmo quando atingiam a minha profundidade, as torrentes e os rios continuavam a cantar.

Não obstante, algo mais doce que o riso e maior que as ansiedades veio até mim:

Era o ilimitado que lhes habita,
O vasto homem do qual são meras células e músculos,
Ele, em cujo canto, todos os cantos não passam de murmúrios indistintos.
É nesse homem imenso que vocês são também imensos.
E foi contemplando-o que aprendi a contemplar e amar vocês.
Pois, afinal, que distâncias pode o amor alcançar, que não estejam nesta
imensa esfera?

Que visões, esperanças e suposições podem elevar-se acima dessa altura?

Como o portentoso carvalho recoberto de flores de macieira, assim é o
homem que habita em vocês, e sua fragrância lhes ergue no espaço, e em sua
perenidade vocês são imortais.

Disseram-lhes que, tal como uma corrente, vocês são tão frágeis quanto o
elo mais frágil.

Mas isso é somente meia-verdade. Porque são, também, tão fortes quanto o
elo mais forte.

Medi-los pelas suas insignificâncias é acreditar no poder do oceano pela
fragilidade de sua espuma.

Julgá-los por seus erros é como culpar as estações por sua inconstância.

Sim, vocês são como um oceano.

Como os navios encalhados devem esperar na praia a mudança da maré, já
que não podem acelerar seu fluxo.

E são também como as estações.

Não obstante em seu inverno reneguem a primavera,

A primavera, que repousa no íntimo de vocês, sorri preguiçosa e não se sente
ofendida.

Não pensem que digo essas coisas para que falem uns aos outros: 'Ele nos
elogiou bastante. Enxergou tão somente nossas qualidades'.

Expresso-me apenas em palavras cujo significado já conhecem.

E o que é o conhecimento expresso em palavras, a não ser a sombra do
conhecimento silencioso?

Seus pensamentos e minhas palavras são ondas de uma memória selada que guarda o registro do passado,

E dos dias distantes em que a terra nos ignorava e ignorava-se a si mesma,

E das noites em que a terra se formava em confusão.

Sábios já vieram oferecer-lhes sabedoria; eu, porém, vim aprender com a de vocês.

E eis que encontrei o que é maior que a própria sabedoria:

Um espírito flamejante que se alimenta de si próprio e cresce sem parar dentro de vocês.

Ao passo que vocês, sem perceber esse crescimento, lamentam o passar de seus dias.

É a vida à procura da vida, em corpos que temem o túmulo,

Mas não vejo túmulos aqui.

Estas montanhas e planícies são berços e degraus.

Toda vez que passam pelo campo onde enterraram seus antepassados, observem bem e verão a si mesmos e a seus filhos dançando de mãos dadas.

Na verdade, muitas vezes vocês se entretêm prazerosamente sem perceber.

Outros lhes procuraram com promessas douradas, e vocês, em sua credulidade, deram-lhes poder e glória.

Mas eu lhes dei menos que uma promessa, e, não obstante foram mais generosos comigo.

Vocês me deram uma sede mais profunda de viver.

Por certo, não há presente maior a um homem do que converter seus propósitos em lábios ávidos, e toda a vida numa fonte fecunda.

E nisso repousa minha honra e minha recompensa,

Porque toda vez que venho à fonte para beber, encontro a própria água sedenta;

E ela também me bebe enquanto a bebo.

Alguns de vocês me julgaram demasiadamente orgulhoso por ter recusado

presentes.

Sou, realmente, muito orgulhoso para receber um salário, mas não presentes.

E embora tenha me alimentado de frutas silvestres nas colinas, quando vocês certamente teriam me acolhido em suas mesas,

E tenha dormido nos pórticos do templo, quando teriam me abrigado com prazer,

Mas, não foi justamente sua doce preocupação com meus dias e noites que tornou meus alimentos deliciosos e povoou meu sono de visões?

Por tudo isso eu lhes abençoo.

Vocês dão muito, mas não têm consciência da própria generosidade.

É certo, porém, que a bondade que se mira num espelho transforma-se em pedra.

E uma boa ação que se auto-elogia vira maldição.

E alguns entre vocês me acharam distante e embriagado com minha solidão.

E disseram: 'Ele reúne-se com as árvores da floresta, mas não com os homens.

Senta-se sozinho no alto das montanhas e olha com desdém para nossa cidade'.

É verdade que subi montanhas e andei por lugares afastados.

Pois, de outro modo, como teria conseguido observá-los senão de grandes alturas ou de grandes distâncias?

Como pode alguém estar perto se não estiver longe?

E outros entre vocês me chamaram, mas não em palavras, dizendo:

'Estrangeiro, amante das alturas inatingíveis, por que prefere habitar nos cumes onde as águias fazem seus ninhos?

Por que busca o inacessível?

Que tempestades deseja apanhar na sua rede?

E que aves diáfanas caça nos céus?

Venha e seja como nós.

Desça o satisfaça sua fome com nosso pão e sacie sua sede com nosso vinho’.

Disseram todas essas coisas na solidão de suas almas;

Porém, caso sua solidão tivesse sido mais profunda, teriam percebido que eu procurava apenas o segredo da alegria e da tristeza de vocês,

E nada caçava a não ser o eu mais amplo de vocês que vaga pelos céus.

Mas o caçador também foi caça;

Pois muitas de minhas flechas partiram do meu arco apenas para atingir meu próprio coração.

E aquele que voava nas alturas era o mesmo que se arrastava no chão,

Pois, quando minhas asas se abriram ao sol, sua sombra projetada na terra era uma tartaruga.

E eu, o crente, era também um cético.

Porque, muitas vezes, colocava meu dedo em minha própria ferida com o objetivo de fortalecer minha crença em vocês e aumentar meu entendimento sobre vocês.

E é com esta crença e esse entendimento que lhes digo:

Vocês não estão presos a seus corpos, nem confinados em casas ou campos.

Seu verdadeiro eu mora no alto das montanhas e é errante como o vento.

Não rasteja ao sol para aquecer-se ou escava buracos para se proteger, temeroso, na escuridão.

Mas é um espírito livre que envolve a terra e se movimenta no éter.

Se essas palavras soarem vagas, não procurem esclarecê-las.

Vago e nebuloso é o começo de todas as coisas, mas não seu fim;

E eu gostaria que lembrassem de mim como um começo.

A vida e todos os seres vivos são concebidos na bruma, e não no cristal.

E quem sabe se um cristal não é a bruma se desvanecendo?

E ao se lembrarem de mim, gostaria que, em suas mentes, pensassem

Que aquilo que parece o mais fraco e perdido em vocês é, na realidade, o mais forte e decidido.

Porventura, não foi o respirar constante que ergueu e solidificou a estrutura de seus ossos?

E não foi um sonho, que nenhum de vocês recorda ter sonhado, que construiu sua cidade e modelou tudo o que nela existe?

Se pudessem ver as marés desse respirar, deixariam de olhar para tudo mais,

E se pudessem ouvir os murmúrios desse sonho, deixariam de ouvir qualquer outro som.

Mas hoje vocês não veem nem ouvem, e é melhor desse modo.

O véu que cobre seus olhos será erguido pelas mãos que o teceram.

E a argila que entope seus ouvidos será rompida pelos dedos que a modelaram.

Então poderão ver,

Então poderão ouvir,

E não vão deplorar ter conhecido a cegueira nem lamentar ter sofrido de surdez.

Pois, naquele dia, compreenderão o propósito oculto de todas as coisas,

E abençoarão as trevas como o fariam com a luz.”

E após dizer essas palavras, voltou-se e viu o timoneiro de seu navio junto ao leme, observando ora as velas desfraldadas, ora o horizonte.

E ele disse:

“Paciente, muito paciente, é o capitão de meu navio.

O vento sopra, as velas estão infladas.

Até o leme solicita que o utilizem.

Não obstante, meu capitão aguarda calmamente meu silêncio. E esses meus marinheiros que têm ouvido o coro de oceanos enormes, têm-me também ouvido com paciência.

Agora, não terão de esperar mais.

Porque estou pronto.

O rio já atingiu o mar, novamente a grande mãe acomoda seu filho no peito.
Povo de Orphalese, desejo-lhe bem-aventurança.

O dia já se foi,

E se fecha sobre nós, como o nenúfar, o próprio amanhã.

O que aqui nos foi dado hoje, nós conservaremos.

Apenas mais um instante, e meus anseios começarão a juntar argila e espuma para um novo corpo.

Apenas mais um instante, momento de descanso sobre o vento, e outra mulher me dará à luz.

Meu adeus a vocês e à juventude que passei entre vocês.

Foi apenas ontem que nos encontramos num sonho.

Cantaram para mim na minha solidão, e eu, com suas expectativas, ergui uma torre no céu.

Mas agora, o sono nos escapou, nosso sonho desmanchou-se e já não é mais o alvorecer.

O meio-dia nos queima e nossa sofreguidão tornou-se pleno despertar.
Devemos nos separar.

Caso nos encontremos no entardecer da memória, conversaremos novamente e vocês cantarão para mim uma canção mais profunda.

E se nossas mãos se encontrarem noutro sonho, então ergueremos mais uma torre no céu.”

Ao dizer isso, acenou aos marinheiros, e eles soltaram as amarras, suspenderam a âncora e rumaram para leste.

E um grito repercutiu entre a multidão como se proviesse de um só coração, fundiu-se ao crepúsculo e dirigiu-se ao mar, tal como o clamor de trombeta.

Tão somente Almitra permaneceu quieta, mirando o navio até que ele desaparecesse no nevoeiro.

E mesmo quando todos haviam se dispersado, permaneceu ali em pé, sozinha, no caís, meditando em seu âmago as últimas palavras do Profeta:

“Apenas mais um instante, momento de descanso sobre o vento, e outra

mulher me dará à luz.”

☞ O JARDIM DO
PROFETA

RETORNO A ORPHALESE

Almustafá, o escolhido e por todos amado, que era um alvorecer em seu próprio dia, retornou à ilha de seu nascimento no mês de tichrin, o da recordação.

E, à medida que seu navio se aproximava do porto, ele dirigiu-se à proa e postou-se de pé, tendo os marinheiros do barco ao seu redor. E ele estava dominado por um sentimento de volta ao lar.

E disse, com o mar em sua voz: “Eis a ilha de nosso nascimento. Daqui mesmo a terra nos lançou uma canção e um enigma: uma canção para o céu e um enigma para a terra! E o que existe entre a terra e o céu com capacidade de cantar a canção e revelar o enigma, a não ser a nossa própria paixão?”

O mar nos conduz novamente a essas praias. Somos apenas outra onda de suas ondas. Ele nos envia para frente para transmitir sua mensagem; mas como o faremos, a não ser que rompamos a simetria de nosso coração sobre as pedras e a areia?

Porque esta é a lei dos marinheiros e do mar: se desejam a liberdade, necessitam tornar-se bruma. O que não tem forma está sempre procurando moldar-se, da mesma maneira como as incontáveis nebulosas naturalmente se transformariam em sóis e luas.

E nós que tanto buscamos, e retornamos agora a essa ilha com formas rígidas, necessitamos novamente tornarmo-nos bruma, e recomeçar a aprender desde o início.

E porventura quem pode viver e elevar-se às alturas se não se romper e transformar-se em paixão e liberdade?

Estaremos sempre à procura das praias, de modo que possamos cantar e ser

ouvidos. Mas que será da onda que se quebra onde não há ouvidos para ouvir? São os nossos apelos não ouvidos que nutrem nossa tristeza mais dolorida. São eles que esculpem nossas almas e modelam nossos destinos.”

Foi quando um dos seus marinheiros aproximou-se e disse: “Mestre, conduziu nossa expectativa para este porto, e, finalmente, chegamos. Contudo, fala de tristeza e de corações que estarão partidos”.

E ele respondeu-lhe, dizendo: “Porventura não acabo de lhes falar da liberdade e da bruma, que é nossa maior liberdade? Entretanto, é com pesar que faço essa peregrinação à ilha onde nasci, da mesma forma como o fantasma de um assassinado vem ajoelhar-se diante dos seus matadores”.

E outro marinheiro interveio: “Olhe a multidão no cais. Em seu silêncio, previram até o dia e a hora de seu regresso, e, em sua amorosa necessidade, abandonaram seus campos e vinhedos para aguardar sua chegada”.

E Almustafá avistou de longe a multidão, e recordou em seu coração o carinho que tinham para com ele, e isso lhe calou fundo.

Ouviu-se, então, o clamor do povo, mescla de saudade e de súplica.

E Almustafá virou-se para seus marinheiros e disse: “O que eu lhes trouxe em retribuição? Fui caçador numa terra distante. Com mira e vigor, utilizei as flechas douradas que eles me deram, mas nada apanhei. Mas não busquei o paradeiro das flechas. Talvez elas estejam agora se espalhando ao sol com as plumas de águias feridas que não caem na terra. E quem sabe as pontas dessas flechas tenham caído nas mãos dos que delas precisavam para conseguir pão e vinho.

Não conheço o destino final de seu voo, mas disto eu sei: desenharam sua curva no céu.

Não obstante, a mão do amor permanece sobre mim, e vocês, meus marinheiros, ainda governam minha visão, e não ficarei quieto. Esbravejarei quando a mão das estações pressionar minha garganta, e cantarei minhas palavras quando meus lábios estiverem queimados pelo fogo.”

E porque ele havia lhes falado daquele modo, os marinheiros sentiram-se perturbados em seu íntimo. E um deles falou: “Mestre, ensine-nos tudo, e talvez compreenderemos porque seu sangue corre em nossas veias, e nosso hálito é marcado por sua fragrância”.

Então, com o vento soprando em sua voz, ele lhes disse: “Conduziram-me à ilha do meu nascimento para que eu seja um pregador? Não fui ainda aprisionado pela sabedoria. Sou muito jovem e inexperiente sobre o que quer que seja, e o que tenho de profundo é a procura que reside no âmago do ser, onde há uma profundidade em busca de outra profundidade.

Que os que desejam a sabedoria busquem-na na pequena flor ou numa pitada de barro vermelho. Sou ainda o cantor. E permanecerei cantando a terra, e seus sonhos perdidos de vocês, que passeiam permanentemente de um sono a outro. Mas não deixarei de mirar o oceano.”

O ENCONTRO COM O POVO

Nesse momento, o navio entrou no porto, alcançou o cais e Almustafá chegou à ilha do seu nascimento, e novamente ficou entre seu povo. E um grande clamor elevou-se de todos os corações, mas em seu íntimo Almustafá sentiu um grande silêncio.

Em seguida, no aguardo de sua palavra, o povo aquietou-se; ele, porém, nada disse, pois a tristeza das lembranças lhe oprimia muito, e refletiu em seu coração:

“Falei que iria cantar? Não, não cantarei. Tudo o que poderei fazer é abrir os lábios para que a voz da vida possa acompanhar o vento, em busca de alegria e de apoio.”

Então, Karima, que havia brincado com ele no Jardim de sua mãe, quando ambos eram crianças, aproximou-se e disse: “Durante doze anos, não mostrou para nós o seu rosto, e durante esse tempo tivemos de sofrer fome e sede de

sua voz”.

E ele olhou para Karima com extrema doçura, pois fora ela quem fechara os olhos de sua mãe, quando as brancas asas da Morte apanharam-na.

E respondeu a ela: “Doze anos? Você disse doze anos, Karima? Não medi minha saudade com a andança das estrelas, nem averigui sua profundidade. Porque o amor, quando sente saudade do lar, não se apercebe das medidas do tempo nem de sua intensidade.

Existem momentos que parecem séculos de separação. Contudo, a separação não passa de um cansaço da mente. Talvez não tenhamos nos separado.”

E Almustafá olhou para o povo, fitando seu olhar em cada um que avistava: o jovem e o velho, o robusto e o franzino, aqueles que estavam bronzeados pelo sol e pelo vento, e aqueles de semblante pálido; e viu em todas as faces um brilho de ansiedade e de indagação.

A VIDA E AS TRISTEZAS

Um deles interveio: “Mestre, a vida tem sido dura com nossas esperanças e desejos. Nossos corações estão perturbados, e não compreendemos. Pedimos encarecidamente que nos reconforte e revele para nós o significado de nossas tristezas”.

E o coração do Profeta comoveu-se de compaixão, e ele falou:

“A vida é mais velha do que todos os seres vivos; da mesma forma como a beleza já existia antes que o belo nascesse na terra, e a verdade era verdade antes de ser enunciada.

A vida canta em nossos silêncios, e sonha em nosso sonho. Mesmo quando estamos derrotados e vilipendiados, a vida está poderosa e elevada. E quando choramos, a Vida sorri ao dia; e ela está livre, mesmo quando arrastamos nossos grilhões.

Frequentemente damos à vida nomes amargos, mas isso acontece quando

nós mesmos estamos amargos e sombrios. E a consideramos vazia e inútil, mas apenas quando nossa alma vaga por lugares desolados, e nosso coração está embriagado pela demasiada preocupação com nós mesmos.

A vida é profunda, elevada e distante; e mesmo que vocês possuam uma vasta visão, conseguem avistar apenas seus pés; mas a vida está próxima de nós; e não obstante apenas o sopro do hálito de vocês alcance o coração dela, a sombra da sombra de vocês cruza-lhe a face, e o frágil eco do grito de vocês se torna uma primavera e um outono em seu peito.

E a vida está encoberta, oculta, da mesma forma como o eu maior de vocês está escondido e oculto. Mas quando a vida fala, todos os ventos se transformam em palavras; e, quando ela se manifesta novamente, os sorrisos dos lábios e as lágrimas dos olhos de vocês também se transformam em palavras. Quando ela canta, os surdos a ouvem e são conquistados; e quando ela anda, os cegos a contemplam e a seguem, assombrados e extasiados.”

Em seguida, Almustafá parou de falar; e um enorme silêncio envolveu a todos. E havia naquela quietude uma melodia nunca ouvida. E todos se sentiram consolados de sua solidão e de seus pesares.

Depois, ele os deixou sem se voltar e conduziu-se pelo caminho que levava ao seu Jardim, o Jardim de sua mãe e seu pai, no qual eles e seus antepassados descansavam.

E alguns o teriam acompanhado, ao ver que ele estava sozinho nessa volta ao lar, pois não havia restado nenhum parente para comemorar sua chegada, conforme era costume de seu povo.

O capitão do navio, porém, aconselhou-os, dizendo: “Deixem-no seguir seu caminho. Pois o pão dele é o pão da solidão, e na taça dele está o vinho da recordação, que ele deverá beber sozinho”.

E os marinheiros retiveram os passos, pois concordaram com o que o capitão do navio havia lhes dito. E todos os que estavam reunidos no cais contiveram os pés desejosos de segui-lo.

Apenas Karima foi atrás dele, por um instante, aflita com sua solidão e suas recordações. Mas nada falou. Em seguida, voltou-se e foi para casa, e, no jardim, sob a amendoeira, chorou, embora não conseguisse saber por quê.

A QUARENTENA E OS DISCÍPULOS

E Almustafá chegou em casa e dirigiu-se ao Jardim de sua mãe e seu pai, e ali entrou, fechando o portão para que ninguém viesse atrás dele.

E durante quarenta dias e quarenta noites ficou sozinho naquela casa e naquele Jardim, e ninguém foi lá, nem mesmo até o portão, pois todos sabiam que ele queria permanecer isolado.

E ao findarem os quarenta dias e quarenta noites, Almustafá abriu o portão para que pudessem entrar.

E vieram nove homens para ficar com ele no Jardim: três marinheiros do próprio navio que lhe trouxera; três que haviam servido no Templo; e três que tinham sido seus companheiros de brincadeiras quando todos eram crianças. E os nove tornaram-se seus discípulos.

OS LUGARES E OS VALORES

Certa manhã, seus discípulos sentaram-se ao seu redor; e nos olhos do Mestre, havia distâncias e lembranças. E o discípulo cujo nome era Hafiz, disse-lhe: “Mestre, fale-nos da cidade de Orphalese, e daquela terra em que permaneceu durante esses doze anos”.

E ele falou: “Meus amigos e meus companheiros de trilha, pobre da nação que é cheia de crenças e vazia de religião.

Pobre da nação que veste uma roupa que não produziu, e come um pão cujo trigo não plantou e colheu, e bebe um vinho que não nasceu de seu próprio

vinhedo.

Pobre da nação que proclama o fanfarrão como herói, e se curva ao conquistador exuberante, considerando-o generoso.

Pobre da nação que despreza a paixão em seu sonho, e a ela se entrega quando desperta.

Pobre da nação que só ergue a voz nos funerais, e fica remoendo seus monumentos em ruínas, e apenas se revolta quando seu pescoço está entre a espada e o tronco.

Pobre da nação cujo estadista é uma raposa, e cujo filósofo é um ilusionista, exibidor da arte da enganação e da micagem.

Pobre da nação que recebe todo novo governante com trombetas, e dele se despede com vaias, para, em seguida, receber outro governante com trombetas.

Pobre da nação cujos sábios estão calados através dos anos, e cujos homens vigorosos estão ainda no berço.

Pobre da nação que vive dividida em pedaços, cada pedaço se considerando uma nação.”

AVOZ DO CORAÇÃO

E outro discípulo solicitou: “Fale-nos do que está se passando agora em seu próprio coração.”

E ele fitou aquele discípulo, e em sua voz havia uma estrela cantando, e disse-lhe: “No seu sonho desperto, quando estão tranquilos e atentos a seu eu mais profundo, seus pensamentos, caem e agitam-se como flocos de neve, e vestem todos os ruídos de seus espaços com um branco silêncio.

E porventura o que são os sonhos despertos a não ser nuvens que brotam e desabrocham na árvore celeste de seu coração? E que são seus pensamentos a não ser pétalas que os ventos de seu coração espalham sobre os montes e as campinas?

E da mesma forma como aguardam pela paz até que o sem forma dentro de vocês se molde, também a nuvem se une e flutua até que os Dedos Divinos modelem seu desejo cinzento em pequenos sóis e luas e estrelas de cristal.”

NÓSE O FLUXO DA NATUREZA

Foi quando Sarkis, que era um tanto cético, falou-lhe: “Mas a Primavera chegará, e todas as neves de nossos sonhos e de nossos pensamentos irão se derreter e não existirão mais”.

E ele respondeu:

“Quando a Primavera vier buscar Seu amado entre os preguiçosos jardins e os vinhedos adormecidos, certamente as neves irão se derreter e descerão em correntes à procura do rio no vale, e conduzirão a taça para os mirtos e os loureiros.

Também a neve de seu coração se derreterá quando a Primavera chegar, e seu segredo descerá em correntes à procura do rio da vida no vale. E o rio envolverá seu segredo e o conduzirá ao grande mar.

Todas as coisas se derreterão e se transformarão em melodias quando a Primavera chegar. Até as estrelas, os enormes flocos de neve que caem devagar sobre os maiores campos, irão se derreter e se converterão em correntes que cantam. E quando o sol de Sua face divina se erguer para além do horizonte mais distante, qual gelada matéria não se converterá também em líquida melodia? E quem entre vocês não gostaria de ser o portador da taça para o mirto e o loureiro?

Até ontem, vocês estavam se movendo com o agitado mar e não tinham forma nem essência. Em seguida, o vento, o sopro da vida, teceu para vocês um véu de luz para a face da Vida; e sua mão juntou-os e os modelou.

E com a cabeça erguida, agora procuram as alturas.

Mas o mar os seguiu, e sua canção os acompanha. E, não obstante tivesse esquecido sua origem, ela sempre proclamará a sua maternidade, e para sempre os chamará para junto dela.

Em suas peregrinações por entre montanhas e deserto, lembrarão muitas vezes as profundezas de seu coração frio. E, embora com frequência não identifiquem o que desejam, certamente é a conquista de uma ampla e duradoura paz.

E como poderia ser de outra maneira? No bosque dos montes e no caramanchão do jardim, quando a chuva dança sobre as folhas, ou quando a neve cai como uma bênção e uma aliança; e no vale, quando conduzem seus rebanhos ao rio; e nos seus campos, onde os riachos vestem de verde suas margens; e nos seus jardins, quando os céus se refletem no orvalho matinal; e em seus campos, quando a bruma quase oculta seu caminho; em tudo isso, o mar está com vocês, uma testemunha de sua herança, e uma manifestação de seu amor.

É o floco de neve dentro de vocês, correndo para o mar.”

A AUSÊNCIA E AS DISTÂNCIAS

E numa manhã, enquanto caminhavam pelo Jardim, surgiu diante do portão uma mulher, Karima, aquela a quem Almustafá havia amado como a uma irmã, em sua infância. E ela estancou do lado de fora, sem nada dizer, sem bater com a mão no portão, mas olhando com nostalgia e tristeza para dentro do Jardim.

E Almustafá viu o desejo em seus olhos, e com passos rápidos dirigiu-se para o portão, abriu-o, ela entrou e foi bem recebida.

E ela disse: “Por que razão ausentou-se de nós, privando-nos de viver à luz de seu rosto? Veja, em todos anos não deixamos de amá-lo, esperando com ansiedade por sua volta a salvo. E, agora, o povo grita por você e quer falar-lhe. E eu sou mensageira dele, e vim aqui para implorar que se mostre, e lhe dê de

sua sabedoria, consolando os aflitos e instruindo os tolos”.

E, fitando-a, Almustafá redarguiu: “Não me chame de sábio, a não ser que proclame sábios todos os homens. Sou apenas um jovem fruto, ainda preso ao ramo, e até ontem não passava de uma flor.

E não chame de tolo ninguém entre vocês, pois, de fato, não somos nem sábios nem tolos. Somos folhas verdes na árvore da vida, e a própria vida está além da sabedoria, e certamente além da tolice.

Será que ausentei-me realmente de vocês? Não sabe que não há distâncias que a alma seja incapaz de superar? E quando a alma transpõe as distâncias, elas se tornam um ritmo na própria alma.

O espaço que se estende entre você e seu vizinho com quem não se relaciona bem é certamente maior do que o espaço que separa você de seu bem-amado que habita além das sete terras e dos sete mares.

Pois não existem distâncias para a lembrança; e apenas o esquecimento é um abismo que nem a voz nem a visão podem atravessar.

Entre as praias e o pico da montanha mais alta, há um caminho secreto que precisamos atravessar antes de nos tornarmos um dos filhos da terra.

E entre o saber e a compreensão, existe um caminho secreto que precisamos descobrir antes de nos tornarmos um com os outros homens, e, desse modo, com nós mesmos.

Entre sua mão direita, que oferece, e sua mão esquerda, que recebe, há um enorme espaço. Apenas considerando-as ambas como ofertando e recebendo é que podes levá-las ao espaço infinito, pois é tão somente por meio da consciência de que não tem nada a ofertar nem a receber que poderá vencer o espaço.

Na verdade, a mais longa distância é a que se estende entre a visão adormecida e o despertar; e entre o desejado e o realizado.

E há ainda outra estrada de que se necessita atravessar antes de se tornar uno com a vida. Porém, como percebo que está cansada, não falarei agora desta estrada.”

ODIA E A NOITE

Então, ele caminhou com a mulher e os nove discípulos até a praça do mercado, falou ao povo, seus amigos e seus vizinhos, e houve alegria nos seus corações e em seus olhos.

E ele disse: “Vocês crescem no sono e vivem sua vida mais completa nos sonhos. Pois todos os seus dias são consumidos no agradecimento do que recebem no silêncio da noite.

Frequentemente pensam e falam da noite como se ela fosse uma estação de descanso. Mas, na verdade, a noite é a estação da procura e do encontro.

O dia lhes fornece o poder do conhecimento e ensina a arte de receber. Mas é a noite quem os leva aos tesouros da vida.

O sol ensina a todas as coisas que crescem na procura de sua luz. Porém é a noite quem as conduz às estrelas.

É o silêncio da noite quem tece um véu de noiva para as árvores da floresta e as flores do Jardim, e depois oferece a suntuosa festa e prepara o quarto nupcial. E naquela quietude sagrada, o amanhã é concebido no útero do Tempo.

Do mesmo modo é com vocês: procurando, encontram seu alimento e realização. E, embora, no amanhecer, o despertar apague a recordação de sua memória, a mesa dos sonhos está sempre posta, e o quarto nupcial está sempre à sua espera.”

E por algum tempo ele permaneceu quieto, e assim também ficou o povo, esperando por sua voz. Depois, retomou a palavra, dizendo: “Vocês são espíritos, não obstante se movam em corpos; e, como o óleo que queima na escuridão, são chamas, embora contidas em lâmpadas.

Se fossem apenas corpos, tanto minha presença frente a vocês quanto minhas palavras seriam mera futilidade, tal como um morto chamando os mortos. Mas não é assim. Tudo o que é imortal em vocês é livre para o dia e a

noite, e não pode ser confinado em casas ou preso com correntes, pois esta é a vontade do Altíssimo. Vocês são Seu hálito, tal como o vento, que não pode ser nem apanhado nem aprisionado. E eu também sou o hálito do Seu hálito.”

E Almustafá deixou a companhia deles, e, seguindo celeremente, retornou a seu Jardim.

SOBRE A FEIURA

E Sarkis, que era meio cético, interveio: “E a feiura, Mestre? Nunca se refere à feiura”.

E Almustafá respondeu-lhe, e um açoitado acompanhou suas palavras: “Meu amigo, que homem lhe chamaria de não hospitaleiro, caso passasse por sua casa sem bater à sua porta?”

E quem lhe chamaria de surdo e distraído se falasse com você numa língua estrangeira, da qual não compreendesse nada?

Não é aquilo que nunca buscou descobrir, e em cujo coração nunca desejou penetrar, que considera feio?

Se a feiura existe, é certamente apenas a remela que cobre nossos olhos e a cera que tapa nossos ouvidos.

Não chame nada de feio, meu amigo, a não ser o medo de uma alma na presença de suas próprias lembranças.”

SOBRE O PASSAR DO TEMPO

E um dia, quando estavam sentados à sombra larga dos álamos brancos, um dos discípulos perguntou: “Mestre, tenho medo do tempo. Ele passa sobre nós e nos furta a juventude, e o que nos dá em troca?”

E ele respondeu: “Pegue agora um punhado de boa terra. Conseguiu

encontrar nela uma semente ou quem sabe uma minhoca? Caso sua mão fosse bem grande e forte, a semente poderia tornar-se uma floresta, e a minhoca, um grupo de anjos. E não se esqueça de que os anos que transformam sementes em florestas e minhocas em anjos pertencem a este *agora*; sim, todos os anos integram este mesmo *agora*.

E que são as estações dos anos, a não ser seus próprios pensamentos em constante mudança? A primavera é um despertar em seus peitos, e o verão, uma manifestação de sua própria frutificação. Não é o outono o antigo em vocês, cantando uma canção de ninar para o que é ainda uma criança em vocês? E o que é o inverno, eu lhes indago, a não ser um sono repleto dos sonhos de todas as outras estações?”

SOBRE OS PARASITAS

Então Manus, o discípulo indagador, olhou ao redor e viu plantas em flor agarradas ao tronco da árvore. E disse: “Olhe as plantas parasitas, Mestre. Que pode dizer delas? São ladrões de olhos cansados, que roubam a luz dos fiéis filhos do sol e se nutrem da seiva que corre para seus ramos e suas folhas”.

E ele respondeu, dizendo: “Meu amigo, somos todos parasitas. Nós que trabalhamos para transformar a terra em vida pulsante não estamos acima dos que recebem a vida diretamente da terra, sem conhecê-la.

Porventura uma mãe diria a seu filho: ‘Vou lhe devolver à floresta, que é a sua mãe maior, porque você cansa meu coração e meu braço?’

Ou o cantor irá censurar sua própria canção, dizendo: ‘Retorne à caverna dos ecos de onde veio, porque sua voz esgota meu fôlego’

Quem sabe dirá o pastor a seu cordeirinho: ‘Não tenho pasto para onde lhe possa conduzir; assim, deverá morrer e se tornar um sacrifício por esta causa?’

Não, meu caro amigo, todas essas coisas já estão respondidas mesmo antes de serem perguntadas e, como seus sonhos, realizam-se antes que adormeça.

Convivemos, uns com os outros, conforme a lei, antiga e imortal. Devemos aceitar a lei com bondade e amor. Procuramo-nos mutuamente em nossa solidão e caminhamos pela estrada quando não possuímos uma lareira onde poderíamos nos aquecer.

Meus amigos e meus irmãos, a estrada mais ampla é seu próprio companheiro de estrada.

Tais plantas que vivem sobre a árvore extraem o leite da terra na sublime quietude da noite, e a terra em seu sonho tranquilo suga o seio do sol.

E o sol, tal como você, eu e todas as coisas que existem, senta-se com igual honraria no banquete do Príncipe cuja porta está sempre aberta e cuja mesa está sempre posta.

Manus, meu amigo, tudo o que existe sustenta-se de tudo o que existe; e tudo o que existe vive, numa fé ilimitada, da generosidade do Altíssimo.”

E certa manhã, com o céu ainda pálido com o alvorecer, todos caminhavam juntos pelo Jardim e olhavam para o leste, silenciosos na presença do sol nascente.

Passado algum tempo, Almustafá apontou com a mão e disse: “A imagem do sol da manhã numa gota de orvalho não é menos do que o sol. E o reflexo da vida em sua alma não é menos do que a vida.

A gota de orvalho reflete a lua porque é una com a luz, e vocês refletem a vida porque são unos com ela.

Quando a escuridão cai sobre vocês, digam: ‘Esta escuridão é um alvorecer que ainda não nasceu; e, não obstante a noite me envolva totalmente, mesmo assim o alvorecer nascerá sobre mim, bem como sobre as colinas.’

A gota de orvalho deslizando como esfera na penumbra do lírio não é diferente de vocês mesmos, reunindo suas almas no coração de Deus.

Se uma gota de orvalho viesse a dizer: ‘Mas apenas uma vez em mil anos eu sou mesmo uma gota de orvalho’, poderia responder-lhe: ‘Por acaso não sabe que a luz de todos os anos brilha em seu círculo?’”

SOBRE A SOLIDÃO

E numa tarde, um grande temporal visitou o Jardim, e Almustafá e todos os seus nove discípulos foram para dentro de casa e sentaram-se em volta do fogo e ficaram silenciosos.

Então, um dos discípulos disse: “Estou sozinho, Mestre, e os cascos das horas pisam com força sobre meu peito”.

E Almustafá levantou-se e ficou ali, no meio deles, e disse, num tom parecido ao ruído de um grande vento: “Sozinho! Sem dúvida! E sozinho terá de ultrapassar o nevoeiro.

Assim, beba sua taça na solidão e permaneça em silêncio. Os dias de outono deram também a outros lábios suas respectivas taças, enchendo-as com vinho amargo e doce, da mesma forma como encheram a sua taça.

Beba sua taça sozinho, não obstante ela tenha o sabor de seu próprio sangue e de suas lágrimas, e agradeça a vida pela graça da sede. Pois sem a sede, seu coração seria a praia de um mar seco, sem melodias e sem marés.

Beba sua taça sozinho, e beba-a com alegria.

Ergue-a bem alto acima de sua cabeça e brinde a todos os que, tal como você, bebem sozinhos.

Certa vez, busquei a companhia de homens, sentei-me às suas mesas de banquete e bebi bastante com eles. Mas seu vinho não me subiu à cabeça nem fluiu ao meu peito. Apenas desceu para meus pés. Minha sabedoria ficou esturricada e, meu coração, trancado e selado. Apenas meus pés estavam com eles em sua bruma.

E não procurei mais a companhia de homens, nem os acompanhei à mesa para beber do vinho.

Por essa razão, digo-lhe: não obstante os cascos das horas pisem com força sobre seu peito, que problema há nisso? É bom para você beber sozinho sua taça de tristeza, assim como sozinho também beberá sua taça de alegria.”

ANATUREZA VIVA

E um dia, quando Phardrous, o grego, caminhava pelo Jardim, topou com o pé numa pedra e ficou furioso. Voltou-se, então, pegou a pedra e disse numa voz baixa: “Sai do meu caminho, coisa morta!” e jogou a pedra para longe.

Foi quando Almustafá, o escolhido e por todos amado, disse: “Por que você falou: ‘Sai coisa morta!’? Tem permanecido tanto tempo neste Jardim e ainda não percebeu que nada há de morto aqui? Todas as coisas vivem e brilham na sabedoria do dia e na majestade da noite. Você e a pedra são um só. A única diferença está no ritmo das pulsações de seus corações. Seu coração bate um pouco mais rapidamente. Não é, meu amigo? Sim, mas não é tão tranquilo quanto ela.

Seu ritmo e o ritmo dela podem ser distintos, mas eu lhe digo que se averiguar as profundezas de sua alma e mensurar as alturas do espaço, ouvirá apenas uma melodia, e nessa melodia a pedra e a estrela cantam, uma com a outra, em perfeita harmonia.

Caso minhas palavras não atinjam sua compreensão, então espere por outro alvorecer. Se amaldiçoou esta pedra, porque, em sua cegueira, nela tropeçou, então, por conseguinte, amaldiçoaria uma estrela caso batesse sua cabeça nela no céu. Chegará, porém, o dia em que juntará pedras e estrelas como uma criança colhe os lírios do vale, e então saberá que todas as coisas são vivas e aromáticas.”

SOBRE DEUS

E no primeiro dia da semana, quando os sons dos sinos do templo ressoavam em seus ouvidos, um deles indagou: “Mestre, a todo o momento e por toda a parte ouvimos falar de Deus. Que diz de Deus, e quem é Ele,

verdadeiramente?”

Ele, então, ergueu-se diante deles como uma árvore jovem, sem medo do vento ou do temporal, e respondeu: “Pensem agora, meus companheiros e meus amigos, num coração que contém todos os seus corações, num amor que compreenda todos os seus amores, num espírito que abarca todos os seus espíritos, numa voz que reúna todas as suas vozes, e num silêncio mais profundo do que todos os seus silêncios, e que foge às leis do tempo.

Procurem também identificar em sua própria profundidade uma beleza mais significativa do que todas as coisas belas, e uma melodia cuja amplitude é maior do que a canção do mar e da floresta, e uma majestade sentada num trono para o qual Órion não passa de um banquinho, e segurando um cetro em que as Plêiades são apenas o cintilar de gotículas de orvalho.

Vocês têm sempre buscado tão somente alimento e abrigo, uma roupa e um cajado. Busquem agora o Ser único, que não é nem um alvo para suas setas nem uma caverna de pedra para proteger-lhes das forças naturais.

Caso minhas palavras sejam uma rocha e um enigma, mesmo assim façam com que seus corações rompam couraças e que suas indagações conduzam-nos ao amor e à sabedoria do Altíssimo, a Quem os homens chamam Deus.”

E todos ficaram silenciosos e pensativos, refletindo aquelas palavras em seus corações. E Almustafá teve compaixão deles, e fitou-os com doçura, e disse: “Deixemos agora de falar em Deus, o Pai. Vamos falar dos deuses comuns: de seus vizinhos, de seus irmãos, daqueles que circulam em torno de suas casas e seus campos.

Ergam-se em pensamento até as nuvens, e, quando julgarem estar bem altos, atravessem o vasto mar e considerem terem ultrapassado grandes distâncias. Digo-lhes, entretanto, que quando semeiam uma semente na terra, alcançam uma altura mais elevada; e quando anunciam para seu vizinho a beleza da manhã, atravessam um mar ainda mais vasto.

Vocês, muitas vezes, cantam em louvor a Deus, o Infinito, mas, na verdade, não escutam a canção. Seria bom se pudessem ouvir os pássaros cantantes e as

folhas que se apartam dos ramos quando o vento passa. E não esqueçam, meus amigos, que as folhas só cantam quando se separam do ramo!

Outra vez lhes peço para não se referirem tão livremente à Deus, que é o Tudo, mas falando, sim, com seu semelhante, entendendo-se com seu vizinho, um deus relacionando-se com outro deus.

Pois quem alimenta o filhote no ninho não é a ave mãe que voa pelos céus? E que flor silvestre atingirá sua plenitude se não for fecundada por uma abelha vinda de outra flor?

Apenas quando estão perdidos em seus eus menores que buscam o céu e clamam Deus. Quem dera pudessem encontrar caminhos para seus eus maiores! E fossem menos preguiçosos e construíssem esses caminhos!

Meus marinheiros e meus amigos, seria mais sábio falar menos de Deus, que não podemos compreender, e mais de nós mesmos, que podemos compreender. Não obstante, quero que saibam que somos o sopro e a fragrância de Deus.

Somos Deus, na folha, na flor, e, frequentemente, no fruto.”

SOBRE DESNUDAR-SE

E certa manhã, quando o sol estava a pino, um dos seus discípulos, um dos três que tinham brincado com ele na infância, aproximou-se, dizendo: “Mestre, minhas roupas estão gastas e não disponho de outras. Permita-me ir ao mercado e pechinchar. Quem sabe consiga um vestuário novo”.

E Almustafá olhou para o jovem e disse: “Dê-me sua roupa”. E ele a deu e ficou nu à luz do meio-dia.

E Almustafá disse numa voz que parecia um jovem corcel correndo numa estrada: “Tão somente os nus vivem ao sol. Apenas os singelos correm com o vento. E só aquele que perde o caminho um milhar de vezes reconhecerá a doçura do retorno ao lar.

Os anjos estão fatigados dos espertos.

E foi apenas ontem que um anjo me disse: ‘Criamos o inferno para os que brilham. Qual outra coisa, senão o fogo, tem o poder de penetrar uma superfície brilhante e fundir uma coisa até seu íntimo?’

E eu disse: ‘Porém, ao criar o inferno, criou também demônios para governá-lo.’ E o anjo respondeu: ‘Não, o inferno é governado por aqueles que não se entregam ao fogo!’

Anjo sábio! Conhece os caminhos dos homens e os dos meio-homens. É um dos serafins que vêm socorrer os profetas quando estes são tentados pelos espertos. E certamente sorri quando os profetas sorriem, e chora quando choram.

Meus amigos e meus marinheiros, apenas os nus vivem ao sol. Apenas os que não têm leme podem velejar nos mares abertos. Apenas os que acompanham a escuridão da noite despertarão com o alvorecer. E apenas os que dormem com as raízes sob a neve alcançarão a primavera.

Porque vocês são mesmo como raízes: e como as raízes, são simples, embora carreguem em si a sabedoria oriunda da terra. E vivem em quietude, não obstante tenham nos seus ramos ainda não nascidos o coro dos quatro ventos.

São frágeis e sem formas, embora constituam o início de carvalhos gigantes, e o desenho esboçado de salgueiros contra o céu.

Novamente lhes digo que são apenas raízes entre a terra escura e os céus em movimento. E muitas vezes lhes tenho visto levantar para dançar com a luz, mas também os tenho visto resguardar-se timidamente. Todas as raízes são tímidas. Esconderam seus corações tanto tempo que não sabem o que fazer com eles.

Contudo, maio chegará, e maio é uma virgem inquieta, e será a mãe dos montes e das planícies.”

SOBRE COMO TRANSMITIR A MENSAGEM

DOMESTRE

Um discípulo, que tinha servido no Templo, conclamou-lhe: “Queira nos ensinar, Mestre, a melhor forma para que nossas palavras possam ser como as suas, tornando-se um cântico e um incenso para o povo”.

E Almustafá respondeu: “Ergam-se acima de suas palavras, mas seu caminho deverá continuar o mesmo: um ritmo e um aroma; um ritmo para os amantes e para os que são amados, e um aroma para os que passariam a vida num jardim.

Mas ergam-se para além das palavras, atingindo um cume onde cai a poeira das estrelas, e estendam suas mãos até que fiquem cheias. Em seguida, deitem-se e durmam como um passarinho branco num ninho branco; e sonhem com seu porvir, tal como as violetas brancas sonham com a primavera.

E, desse modo, descerão mais profundamente do que suas palavras. Irão procurar as nascentes perdidas dos riachos e serão uma gruta escondida ecoando as frágeis vozes das profundezas que agora nem ao menos percebem existir.

Irão descer mais profundamente que suas palavras, sim, mais profundamente que todos os sons, até o âmago da terra, e lá estarão a sós com Aquele que também caminha pela Via Láctea.”

SOBRE O SER

Passado algum tempo, um dos discípulos lhe perguntou: “Mestre, fale-nos de *ser*. Que é *ser*?”

E Almustafá olhou doce e longamente para aquele discípulo. E levantou-se, afastando-se deles um pouco. Retornou em seguida e disse: “Neste Jardim, repousam meu pai e minha mãe, enterrados pelas mãos dos vivos; e neste Jardim, estão enterradas as sementes do ano passado, trazidas aqui sobre as

asas do vento. Mil vezes, meu pai e minha mãe serão enterrados aqui, e, mil vezes, o vento cobrirá a semente. E dentro de mil anos, vocês, eu e estas flores nos reencontraremos neste Jardim, exatamente como agora, e *seremos*, amando a vida, e *seremos*, sonhando com o espaço, e *seremos*, elevando-nos para o sol.

Atualmente é necessário *ser* sábio, sem se tornar um estranho para o tolo; e *ser* forte, mas não para demolir o fraco; brincar com os pequenos, não como pais, mas como companheiros que querem aprender suas brincadeiras;

Ser simples e sem enganações para com os mais idosos, e sentar-se com eles à sombra dos antigos carvalhos, não obstante estejam ainda caminhando com a Primavera;

Procurar um poeta, mesmo que ele viva além dos sete rios, e conservar-se em paz em sua presença, não desejando nada, não duvidando de nada, e com nenhuma pergunta presa na boca;

Ter consciência de que o santo e o pecador são irmãos gêmeos, filhos do mesmo Bondoso Soberano, e que um nasceu apenas um instante antes do outro, razão pela qual ambos são como Príncipe Herdeiro;

Acompanhar os passos da Beleza mesmo quando ela os leva à beira do abismo. E não obstante ela tenha asas e vocês não, e embora ela ultrapasse o precipício, acompanhe-a, porque onde não há Beleza não há nada;

Ser um jardim sem muros, uma plantação sem guardas, uma casa do tesouro sempre aberta aos que passam;

Mesmo quando roubado, ludibriado, aviltado e sofrendo zombarias, olhar para baixo da altura de seu eu maior e sorrir, sabendo que uma primavera bailará com as folhas em seu jardim, e um outono virá amadurecer seus frutos; e, igualmente que, se ao menos uma de suas janelas mantiver-se aberta para o leste, nunca estarão vazios; sabendo que todos aqueles considerados malfeitores e bandidos, aviltadores e malandros são seus irmãos em necessidade, e que vocês próprios são todos eles aos olhos dos abençoados habitantes dessa Cidade Invisível, e para além dela.

E agora também vocês, cujas mãos moldam e encontram todas as coisas

necessárias ao conforto dos nossos dias e noites, considerem que *ser* é ser um tecelão com dedos que enxergam, um construtor cuidadoso da luz e do espaço; é ser um lavrador e sentir que guarda um tesouro em cada semente que semeia; é ser um pescador e um caçador condoído do peixe e do animal que captura, mas com mais compaixão ainda da fome e da necessidade do homem.

E, principalmente, lhes digo: quem dera ver cada um de vocês como companheiro do propósito de cada homem, pois apenas assim alcançarão seu próprio propósito.

Companheiros e amigos, sejam ousados, e não covardes; ampliem seus espaços, e não se confinem; e, até que chegue a hora final e todos nós sejamos, sobretudo, o Eu maior.”

ADÚVIDA E O ABANDONO

E quando ele parou de falar, caiu uma profunda melancolia sobre os nove discípulos, e seus corações afastaram-se dele, porque não compreenderam suas palavras.

E aconteceu de os três homens que eram marinheiros pensaram com ansiedade em retornar ao mar; e os que tinham servido no Templo suspiraram pelo conforto do santuário; e os que tinham sido seus companheiros de infância desejaram estar na praça do mercado. Quedaram todos surdos às suas palavras, e o som de suas palavras retornou a ele como pássaros fatigados e sem lar, em busca de abrigo.

E Almustafá tomou certa distância deles, no Jardim, sem falar nada, e sem olhar para eles.

E os discípulos começaram a discutir entre si, procurando desculpas para o desejo deles de ir embora.

E, de fato, cada homem seguiu para seu lugar, e, assim, Almustafá, o escolhido e por todos amado, foi deixado sozinho.

ADOR DA ABUNDÂNCIA

Quando a noite veio com todas suas trevas, ele seguiu para junto do túmulo de sua mãe e sentou-se próximo ao pé de cedro que crescera sobre aquele lugar. E chegou a sombra de uma grande luz no céu, e o Jardim cintilou como uma bela jóia no seio da terra.

E Almustafá clamou na solidão de seu espírito, dizendo:

“Carregada com frutos maduros está minha alma. Quem desejará vir recolhê-los e se satisfazer? E há alguém de coração bondoso e generoso que queira vir e quebrar seu jejum em minhas primeiras safras ao sol e aliviar-me assim do peso da minha abundância?”

Minha alma transborda-se com o vinho das idades. Não haverá um sedento que venha e o beba?

Vejam, aconteceu de haver um homem parado entre duas estradas que se cruzavam e ele exibia, em suas mãos estendidas para os transeuntes, muitas jóias. E ele dizia aos que passavam: “Tenham dó de mim. Em nome de Deus, peguem essas jóias das minhas mãos e assim irão confortar-me.”

Os transeuntes, porém, não ligavam para ele, e ninguém quis saber das jóias.

Melhor se ele fosse um pedinte estendendo a mão para receber – sim, uma mão trêmula que voltava vazia para seu peito – do que estendê-la cheia de presentes chamativos e não encontrar ninguém para aceitá-los.

E, de fato, houve também um príncipe bondoso que montou suas tendas de seda entre a montanha e o deserto, e ordenou a seus servos que acendessem uma fogueira, um sinal para o estranho e o errante. Como postos avançados, mandou à frente seus escravos para vigiarem as estradas e trazerem um hóspede. As estradas e os caminhos do deserto, porém, estavam vazios, e eles não encontraram ninguém.

Melhor seria se aquele Príncipe fosse um homem sem pátria e sem relações, em busca de alimento e abrigo. Ou, quem sabe, um vagabundo cujos únicos bens seriam seu cajado e uma tigela de barro. Porque, se assim o fosse, ele

encontraria, ao cair da noite, seus iguais e os poetas sem raízes, e com eles seria solidário na penúria, nas recordações e em seus sonhos.

E, vejam, a filha do grande Rei despertou de seu sono e vestiu suas roupas de seda, suas pérolas e seus rubis, espalhou almíscar no cabelo e mergulhou os dedos em âmbar. Em seguida, desceu de sua torre para o jardim, pisando com suas sandálias douradas o orvalho da noite.

E no escuro silêncio, a filha do grande Rei procurou amor no jardim, mas em todo o vasto reino de seu pai não havia ninguém que fosse seu amante.

Melhor seria se ela fosse a filha de um lavrador, cuidando de seu rebanho num campo, e regressando à casa do pai ao anoitecer com o pó das estradas sinuosas nos pés, e o odor dos vinhedos nas roupas. E, quando a noite viesse e o anjo das noites pairasse sobre o mundo, ela fugiria para o vale do rio onde seu amante estaria à sua espera.

Melhor seria se ela fosse uma freira num convento, com o coração ardendo como um incenso exposto ao vento, e consumindo seu espírito como uma vela que subisse para uma luz maior, na companhia de todos os que adoram e todos os que amam e são amados.

Melhor seria se ela fosse uma mulher muito idosa, sentada ao sol a relembrar-se daquele com quem havia desfrutado sua juventude.”

E a noite foi se tornando mais densa, e Almustafá ficou escuro como a noite, e seu espírito era como uma nuvem compacta. E, então, ele gritou novamente:

“Carregada está minha alma com seus frutos maduros;

Quem desejará vir colhê-los e se satisfazer? Minha alma transborda-se com seu vinho.

Quem virá para bebê-lo, refrescando-se do calor do deserto?

Melhor seria se eu fosse uma árvore sem flores e sem frutos. Porque a dor da abundância é mais amarga do que a da esterilidade. E o desalento do rico de quem ninguém nada aceita é maior do que a tristeza do mendigo a quem ninguém dá nada.

Melhor seria se eu fosse um poço completamente seco, e os homens jogassem pedras dentro de mim; porque isto seria melhor e mais fácil de suportar do que ser uma fonte de pura água corrente que os homens se recusam a beber.

Melhor seria se eu fosse um ramo caído, pois isto seria melhor do que ser um alaúde de cordas de prata numa casa cujo senhor não tem dedos, e onde os filhos são surdos.”

A PARTIDA E AS ÚLTIMAS PALAVRAS

Então, por sete dias e sete noites, nenhum homem aproximou-se do Jardim, e Almustafá ficou sozinho com suas recordações e seu pesar; pois mesmo aqueles que haviam escutado suas palavras com amor e paciência haviam-se afastado para cuidar das ocupações do cotidiano.

Apenas Karima veio, o silêncio cobrindo-lhe a face como um véu, trazendo-lhe uma taça, um prato, com bebida e comida para saciar sua solidão e sua fome. E, após colocá-los diante dele, seguiu seu caminho.

E outra vez Almustafá retornou à companhia dos álamos brancos do seu jardim, e sentou-se a contemplar a estrada. Passado algum tempo, notou algo como uma nuvem de poeira subindo da estrada e vindo até ele. E de dentro da nuvem saíram os nove discípulos, e, guiando-os, vinha Karima.

E Almustafá foi ao encontro deles na estrada, e juntos cruzaram o portão, e tudo estava bem, como se eles tivessem se separado apenas uma hora antes.

Em seguida, acomodaram-se à mesa para um jantar rápido, após Karima ter posto nela o pão e o peixe e colocado nas taças o resto do vinho. E, no momento em que colocava o vinho, ela pediu ao Mestre: “Permita-me ir à cidade buscar mais vinho para suas taças, pois o que tínhamos se acabou”.

E ele olhou para ela, e em seus olhos havia uma viagem e uma terra distante, e disse: “Não, este é suficiente para o momento.”

Comeram, beberam e ficaram satisfeitos. E tão logo findaram o jantar, Almustafá falou numa voz ampla, profunda como o mar, e repleta como uma grande maré sob a lua: “Meus companheiros de caminho, necessitamos nos separar hoje. Durante muito tempo, velejamos por mares perigosos, escalamos as montanhas mais íngremes e juntos enfrentamos tempestades. Conhecemos a fome, mas também as festas de bodas. Frequentemente ficamos nus, mas também vestimos roupas de reis. Sim, viajamos muito, mas agora necessitamos nos separar. Vocês seguirão juntos seu caminho, e eu seguirei o meu sozinho.

E, não obstante, os mares e as grandes extensões de terras venham a separar-nos, mesmo assim continuaremos companheiros em nossa viagem para a Montanha Sagrada.

Porém, antes que sigamos por caminhos apartados, eu lhes darei a colheita de meu coração:

Percorram seu caminho cantando, mas que cada canção seja breve, porque apenas as melodias que morrem jovens nos seus lábios viverão no coração dos homens.

Narrem uma bela verdade em poucas palavras, mas nunca uma verdade feia em palavras impensadas. Digam à virgem cujo cabelo brilha ao sol, que ela é a filha do alvorecer. Mas, se encontrarem um cego, não lhe digam que ele é como a noite.

Ouçam o flautista como se estivesse escutando Abril, mas não deem ouvido ao crítico e ao que só acha defeitos; sejam surdos como seus ossos, e distantes como sua fantasia.

Em seus caminhos, meus companheiros e meus amigos, encontrarão homens com cascos: deem-lhes de suas asas; e também homens com chifres: deem-lhes coroas de louros; e homens com garras: deem-lhes pétalas para lhes servirem de dedos; e homens com línguas bipartidas: deem-lhes mel em vez de palavras.

De fato, encontrarão todos esses e muito mais. Encontrarão o aleijado vendendo muletas; e o cego, vendendo espelhos. E encontrarão os ricos mendigando à porta do Templo.

Ao aleijado, doem um quinhão de sua agilidade; ao cego, forneçam um pouco de suas próprias visões. E procurem dar de vocês mesmos aos ricos mendigos: eles são os mais necessitados de todos, pois certamente nenhum homem estenderá uma mão pedindo esmola, se não for realmente pobre, não obstante com grandes posses.

Incito-lhes, meus companheiros e meus amigos, por nosso amor, a serem caminhos incontáveis que se cruzam um com o outro no deserto, onde passam os leões e os coelhos, e também os lobos e os cordeiros.

E recordem isso de mim: ensino-lhes não a dar, mas a receber; não a recusar, mas a realizar-se. Ensino-lhes não a rendição, mas a compreensão com um sorriso nos lábios.

Ensino-lhes não o silêncio, mas uma canção num tom não muito alto.

Instruo-lhes seu Eu maior, que compreende todos os homens.”

E ergueu-se da mesa e seguiu direto para o Jardim, onde caminhou à sombra dos ciprestes, enquanto o dia paulatinamente ia morrendo. E eles o seguiram, a pequena distância, pois seus corações estavam oprimidos, e suas línguas presas ao céu da boca.

Apenas Karima, após retirar a mesa, veio ao encontro dele, e disse: “Mestre, gostaria que me permitisse preparar comida para amanhã e para sua viagem”.

E ele fitou-a com olhos que enxergavam outros mundos além deste, e disse: “Minha irmã, e minha amada, a comida está pronta, desde os primórdios do

tempo. O alimento e a bebida estão prontos para o amanhã, tal como para nosso ontem e nosso hoje.

Estou indo embora. Porém, caso eu parta com uma verdade ainda não dita, esta verdade me procurará outra vez e me encontrará, não obstante meus elementos estejam espalhados em meio aos silêncios da eternidade, e retornarei à presença de vocês para lhes falar com uma voz nascida de novo do coração desses silêncios infinitos.

E caso exista uma beleza que eu não lhes tenha desvelado, que mais uma vez eu seja chamado pelo meu próprio nome, Almustafá, e dar-lhes-ei um sinal, para que saibam que retornei para enunciar o que estava faltando, pois Deus não aceitará manter o conhecimento oculto dos homens, nem deixará Sua palavra permanecer escondida no coração do homem.

Minha existência ultrapassará a sepultura, e continuarei a cantar para vocês,

Mesmo depois que as ondas do imenso oceano tenham me levado às profundezas.

E como um espírito invisível, irei com vocês aos campos.

E embora não me vejam, estarei junto a vocês, aquecendo-me em torno do fogo.

A morte muda apenas as máscaras que recobrem nossas faces.

O lenhador será sempre um lenhador,

O lavrador será sempre um lavrador,

E os que lançam suas canções ao vento

Continuarão a fazê-lo em outros domínios.”

E os discípulos estavam petrificados e tristes em seu íntimo porque ele havia dito: “Estou indo embora”.

Nenhum deles, porém, moveu-se para deter o Mestre, tampouco algum deles seguiu seus passos.

E Almustafá deixou o Jardim de sua mãe, e seus pés eram céleres e silenciosos; e, num instante, feito uma folha levada pelo vento, encontrava-se muito longe deles, e os discípulos viram-no como uma luz pálida subindo

morro cima.

E os nove seguiram seu caminho, estrada abaixo. A mulher, contudo, ficou parada na noite que já se pronunciava e viu a luz e o crepúsculo se transformarem numa só coisa.

Mas o desamparo e a solidão que ela sentia se confortaram com estas palavras que ele dissera: “Estou indo embora; porém, caso eu parta com uma verdade ainda não dita, esta verdade me procurará outra vez e me encontrará, e retornarei”.

E o crepúsculo já havia chegado.

E ele havia atingido os morros. Seus passos tinham-no conduzido à bruma, e ele colocou-se de pé entre os rochedos e os ciprestes brancos, e, escondido de todas as coisas, disse:

“Ó Bruma, minha irmã de asas, novamente estamos juntos,

E juntos ficaremos até o segundo dia da vida,

Quando, num jardim, o alvorecer, em gotas de orvalho,

colocará uma criança sobre o seio de uma mulher,

E lembraremos.

Ó Bruma, minha irmã, retornei com um coração atento a suas profundezas,

Tal como seu coração,

Com um desejo pulsante e sem objetivo como seu desejo,

Um pensamento ainda não formulado, como seu próprio pensamento.

Ó Bruma, minha irmã, filha mais velha de minha mãe,

Minhas mãos ainda seguram as verdes sementes que você mandou
disseminar,

E meus lábios estão ainda cerrados com uma canção que me mandou cantar;

E não lhe trago frutos, e não lhe trago ecos,

Porque minhas mãos estavam cegas, e meus lábios paralisados.

Ó Bruma, minha irmã, amei o mundo em demasia, e o mundo me amou,

Pois meus sorrisos estavam nos lábios do mundo,

E todas as suas lágrimas estavam em meus olhos.

Mas existe entre nós um abismo de silêncio, que ele não quis atravessar

E que eu não podia ultrapassar.

Ó Bruma, minha irmã, minha imortal irmã, Bruma,

Cantei as antigas cantigas para meus pequenos filhos,

E eles escutaram, e havia perguntas em seus rostos;

Amanhã, quem sabe, esquecerão as cantigas,

E não sei para quem o vento as arrastará.

E não obstante elas não fossem minhas mesmo, penetraram meu coração

E habitaram meus lábios por uns tempos.

Ó Bruma, minha irmã, mesmo que tudo isso viesse a passar,

Estou em paz.

É suficiente para mim ter cantado para aqueles já nascidos.

E não obstante o canto não seja meu de verdade,

Emergiu do mais profundo desejo do meu coração.

Ó Bruma, minha irmã, minha irmã, Bruma.

Agora sou uno com Você,

Nem mais sinto minha individualidade.

As muralhas caíram;

E os grilhões se romperam;

Tal como outra bruma, elevo-me para Você,

E juntos flutuaremos sobre o mar até o segundo dia da vida,

Quando, num jardim, o alvorecer, em gotas de orvalho,

colocará uma criança sobre o seio de uma mulher.”

Khalil Gibran planejou uma trilogia que iria compreender os volumes *O Profeta* – sua obra-prima, publicada em 1923 –, *O Jardim do Profeta* e, finalmente, *A morte do Profeta*. O segundo volume, escrito por volta de 1930, acabou sendo publicado apenas postumamente, pois o grande sábio faleceu em 1931, quando se preparava para iniciar o terceiro e último livro do projeto.

Assim, pela primeira vez reunindo os dois volumes dessa trilogia inacabada, a presente edição possibilita ao leitor tomar contato, de maneira mais integral, com o melhor do pensamento místico e envolvente de Khalil Gibran. No primeiro volume, o autor narra a partida do profeta Almustafá da cidade de Orphalese, momento em que ele pronuncia parábolas que envolvem temas da vida social e do cotidiano – tais como o amor, o trabalho, os filhos, a lei, entre tantos outros – mas sempre com a suavidade e a sabedoria que são marcas de sua obra. Já *O Jardim do Profeta*, que compreende o retorno do mestre à Orphalese, pode ser lido como uma lírica – e, por vezes, enigmática – celebração da beleza da Natureza, sempre em correlação com os mistérios e indagações acerca da existência humana. “A vida e as tristezas”, “Sobre o passar do tempo” e “A ausência e as distâncias” são alguns dos temas que Khalil Gibran aborda nesta sua outra obra-prima.

Ambos os livros, aqui reunidos em textos completos, são provas da imortalidade da obra desse autor, que continua, com suas mensagens, comunicando-se com a parte mais profunda de nosso ser.